



revista



mensal | abril de 2020 | n° 10 | ano 26 | [/sescrevistae](https://www.instagram.com/sescrevistae) | [sescsp.org.br/revistae](https://www.facebook.com/sescsp.org.br/revistae) | revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida



CAPITAL DOS SERVIÇOS | ABELHAS NATIVAS | FERNANDO LEMOS | A ESTRELA BRILHA | PATRÍCIA PALUMBO
| EMANOEL ARAÚJO | A ARTE DE LEÇONAR | CAROLA SAAVEDRA | JOSÉ MARCELO ZACCHI | DAVID ARNAUD



Velhos pactos para novos tempos

A disseminação do coronavírus, causador da COVID-19, moléstia cujo alcance e efeitos ainda não podemos ao certo mensurar, remete a momentos históricos em que os seres humanos se viram diante de desafios tão complexos que pessoas, grupos, organizações da sociedade civil e governos, sozinhos, eram incapazes de resolver. Se, por um lado, há ineditismo na atual conjuntura, por outro, a receita para sua travessia é bem conhecida e pode ser condensada numa só palavra: cooperação.

Em meados dos anos de 1940, quando o mundo ainda se recuperava dos impactos da Segunda Guerra Mundial, problemas estruturais como a pobreza, a desigualdade e a precariedade dos serviços públicos bloqueavam o desenvolvimento do Brasil. A situação exigia a mobilização e a colaboração de todos os cidadãos em prol do bem estar e da melhoria da qualidade de vida das pessoas. Um compromisso envolvendo amplos setores sociais permitiu a criação de entidades mantidas e administradas por empresários da indústria e do comércio – entre as quais, o próprio Sesc – para atuar no aperfeiçoamento cultural e profissional dos trabalhadores e de suas famílias, em complementariedade às ações do Estado.

Momentos de crise nos colocam diante da responsabilidade de observar aquilo que estamos fazendo e considerar o que ainda podemos fazer. Convocam a avaliar o que precisa ser realizado imediatamente e o que pode ficar para depois. Exigem a capacidade de ações emergenciais – realocando recursos, reorganizando fluxos – sem, contudo, perder de vista a essencialidade do trabalho ordinário.

O empresariado do comércio de bens, serviços e turismo tem acompanhado os desdobramentos da pandemia e está empenhado, junto aos órgãos públicos, em conter a expansão e mitigar suas consequências. Para isso, colocou a própria infraestrutura das instituições pelas quais é responsável à disposição das autoridades competentes. Além disso, tomou medidas no sentido de resguardar frequentadores, equipes profissionais e seus familiares, e está zelando para garantir o abastecimento dos suprimentos básicos e vitais que é parte sua atuação.

Apesar das dificuldades que se avizinham, esta pode ser uma oportunidade de aprendizado, especialmente para as gerações mais jovens, para quem circunstâncias dessa magnitude constituem novidade. Para aproveitá-la, será preciso reforçar o espírito fraterno e o sentimento de solidariedade e confiança que, no passado, serviram de ferramentas sem as quais grandes obstáculos seguiriam intransponíveis.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional
do Sesc no Estado de São Paulo

Para uma travessia segura

Apresentar a *Revista E* em meio a uma pandemia me fez parar e olhar para o século 20, um século marcado por grandes guerras, por desenvolvimentos tecnológicos em alta escala, por ocupações e comprometimentos de territórios naturais, por um crescimento demográfico intenso, por quebras de fronteiras e levantamento de muros. Ao mesmo tempo, um século repleto de criações artísticas ímpares, de processos educativos inclusivos e de um aprender a estar junto, ainda que com crenças diversas. Chegamos ao século 21 acreditando na educação e na cultura como base para o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade e, também, como pauta para a organização econômica com vistas ao bem viver. Sim, porque o que, de fato, importa são as pessoas!

Volto-me para o agora e o olho com a atenção de quem aprendeu que paciência e solidariedade ajudam a atravessar adversidades, a construir riquezas de relações e de afetos. E que a verdade é filha do tempo e ‘nosso tempo é hoje’. Nossas Unidades, locais de recepção de pessoas para diferentes atividades socioculturais, estão fechadas. Como parte da comunidade que são, passarão a se dedicar a elas de outra forma: serão pontos de referência para campanhas de vacinação contra o vírus influenza ou, até mesmo, servirão para hospitais de campanha.

As programações seguirão pelos meios digitais, assim como esta edição. Há que se respeitar os profissionais envolvidos nessa cadeia de produção e preservá-los dos encontros e dos contatos que os colocam em risco. Simultaneamente, muitos trabalhadores estão empenhados nos serviços indispensáveis a cada um de nós, como saúde, alimentação, limpeza, segurança, transporte, dentre outros. A eles, os sinceros agradecimentos de uma instituição que tem o bem-estar e a qualidade de vida como missão maior.

Certamente, passada essa fase de recolhimento e isolamento, teremos que renovar a maneira como organizarmos as prestações de serviços. Pois é disso que trata a reportagem principal deste número: as mudanças da cidade de São Paulo com a criação de novos serviços.

Convidamos, então, o leitor a refletir sobre as transformações vigentes e as possibilidades de reinventá-las, tendo por base e norte a empatia e a transparência. Assim, seguimos seguros, porque estamos juntos e confiantes.

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor do Sesc São Paulo



Foto: Maarten Vanden Abeele

IMAGEM DA CAPA

Uma foto da histórica montagem de *A Sagração da Primavera*, de 1975, pela companhia de Pina Bausch, o Tanztheater de Wuppertal, ilustra a capa desta edição. Esta e tantas outras imagens de espetáculos estão reunidas no primeiro livro brasileiro que acompanha todo o percurso e o processo de trabalho da companhia de Pina Bausch na Alemanha, desde os primórdios da “dança-teatro” nos anos 1970 até a criação da peça brasileira *Água*, de 2001. Lançado numa coedição das Edições Sesc São Paulo e da Sesi-SP Editora, *Pina Bausch* pode ser adquirido pela Loja Virtual no Portal Sesc São Paulo.

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.



Download gratuito para Android e iOS



Em ENTREVISTA, o artista e curador EMANOEL ARAÚJO fala sobre arte, existência e preconceitos

10



NOVOS SERVIÇOS promovem outras formas de ser, estar e habitar a capital paulista

16



No PERFIL, como a obra da escritora CLARICE LISPECTOR reverbera do Brasil para outros países

22



Na GRÁFICA, o legado na fotografia, na pintura e no design do artista português FERNANDO LEMOS

28



A importância de compartilhar conhecimento e preservar as ABELHAS NATIVAS

40

DOSSIÊ	7
EM PAUTA A ARTE DE LECIONAR	42
ENCONTROS JOSÉ MARCELO ZACCHI	48
DEPOIMENTO PATRÍCIA PALUMBO	50
INÉDITOS CAROLA SAAVEDRA	52
PROGRAMAÇÃO	54
ALMANAQUE PAULISTANO	64
P.S. DAVID ARNAUD	66

24 HORAS DE PROGRAMAÇÃO NA TV E NA INTERNET



SÃO 36 SÉRIES,
COM MAIS DE 800 VÍDEOS
ON DEMAND



A cidade africana
O direito à cidade
Sertão, cidade e segregação
O Brasil nasceu urbano
Vanguarda e tradição



Revolta dos Malês
Bahia, 1835.
Africanos muçulmanos, trazidos da atual
Nigéria e escravizados no Brasil; se
rebelam contra a opressão



Valor da experiência
Saberes
Trabalho
Autonomia
Velhice amanhã



Imagens: Revista E

Para ler em qualquer lugar

REVISTA E REÚNE UM ACERVO DE ENTREVISTAS, REPORTAGENS, ARTIGOS, PROSAS E POESIAS INÉDITAS DE ACESSO GRATUITO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Com a missão de adicionar e conectar, a *Revista E* fomenta debates e reflexões, promove mediação cultural das atividades realizadas pelo Sesc São Paulo, além de compartilhar textos ficcionais inéditos e artigos escritos por especialistas de diversas áreas. Para isso, ao longo de 25 anos, segue em constante processo de inovação. Nos mares da internet e em diferentes plataformas digitais, esta publicação reúne um rico e vasto acervo de conteúdo.

Já são mais de duas décadas de entrevistas com pensadores, cientistas e artistas, a exemplo do escultor e pintor Francisco Brennand (1927-2019) e do físico Luiz Alberto Oliveira, curador do Museu do Amanhã. Soma-se a publicação de prosas e poesias inéditas de autores consagrados, como Ferreira Gullar (1930-2016), e de jovens promessas da literatura nacional. Instrumento de pesquisa, consulta, lazer e conhecimento, a *Revista E* ainda reúne um conteúdo audiovisual, presente no Sesc Digital. Esse é o caso da série de perfis *Conexão*: vídeos de entrevistas com nomes consagrados na cena das ciências e das artes, disponíveis no canal do Sesc no YouTube.

“A *Revista E* foi ampliando seu conteúdo editorial ao longo dos anos, e cresceu em número de páginas e alcance de público.

A consolidação da internet e das mídias digitais permitiu que outros suportes fossem pensados e disponibilizados”, diz Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc São Paulo.

Quer saber mais? Para entrar em contato com todo esse material preservado, basta acessar o portal do Sesc, clicar em “Conteudoteca” e, em seguida, “Revistas”. Outra possibilidade de consulta é pela versão digital da revista no aplicativo Sesc São Paulo para tablets e celulares, gratuito e disponível nos sistemas IOS e Android. Seja em casa, no trabalho, no ônibus ou onde estiver, a *E* aproxima o público de novos conhecimentos. Um espaço em que é possível aprender algo novo a cada leitura. Acesse: sescsp.org.br/revistae.

A REVISTA E FOI AMPLIANDO SEU CONTEÚDO EDITORIAL AO LONGO DOS ANOS, E CRESCERAM EM NÚMERO DE PÁGINAS E ALCANCE DE PÚBLICO. A CONSOLIDAÇÃO DA INTERNET E DAS MÍDIAS DIGITAIS PERMITIU QUE OUTROS SUPORTES FOSSEM PENSADOS E DISPONIBILIZADOS.

DANILO SANTOS DE MIRANDA,
diretor do Sesc São Paulo



Gustavo Ramos

DEU NÓ NA IMAGINAÇÃO

Em fevereiro, no Sesc Pompeia, foi inaugurada uma instalação realizada pela artista Anne Galante, cujo trabalho em tricô e crochê ganhou outras dimensões. A arte de Galante ocupa o Espaço de Brincar, dedicado às crianças de 0 a 6 anos. Uma ambientação lúdica composta por animais, cabanas, almofadas e até gotas de chuva feitas de crochê. Peças que estimulam a imaginação e os sentidos a partir de cores e texturas.

NÃO ESTRANHEM. O INSUCESSO DE UMA BOA CANÇÃO FAZ PARTE DA HISTÓRIA, NO CAPÍTULO DAS QUE PASSARAM DESPERCEBIDAS E NÃO ACONTECERAM APESAR DO MERECIMENTO.

ZUZA HOMEM DE MELLO,

musicólogo e autor de *Copacabana, a Trajetória do Samba-Canção* (Edições Sesc São Paulo), em texto publicado no portal do Sesc sobre novo álbum do Selo Sesc com sambas-canção de 13 compositores destacados no livro



Divulgação

SEM DESPREZAR A IMPORTÂNCIA DO TEATRO DOCUMENTAL, O SOLO COM ED MORAES (foto) E A CIA. DOS INQUETOS É CAPAZ DE RENOVAR, COM HUMOR E CRIATIVIDADE, A MANEIRA DE SE ABORDAR FIGURAS REAIS NO TEATRO.

LEANDRO NUNES, no jornal *O Estado de S. Paulo*, sobre o espetáculo *Eu Não Sou Harvey*, de Michelle Ferreira, que esteve em cartaz no Sesc Pinheiros até 14/3



Caio Oviedo

UMA FRUTA POR AVENTURA

No mês de março, o espetáculo *Piquenique* apresentou as aventuras da protagonista Greta, no Sesc Pinheiros. Em cena, as histórias vividas por essa garota destemida que adora preparar quitutes. “O público constrói em seu imaginário as imagens dessa aventura que ganha forma entre frutas, cores, comidas, objetos do cotidiano e projeção de sombras. Durante o espetáculo, as crianças são apresentadas a temperos diversos, como alecrim, tomilho, manjeriço. Elas descobrem também que os alimentos precisam de água limpa, terra boa, sol, e que as abelhas, vespas, borboletas, pássaros e morcegos contribuem para a transferência do pólen”, escreveu o crítico de teatro Dib Carneiro no site Pecinha é a Vovozinha.



Divulgação

TEMPOS DESCONHECIDOS

Originalmente publicado em 2013 na França, *O Social em Tempos de Incerteza*, lançamento das Edições Sesc São Paulo, faz um balanço de ideias, esperanças, utopias, desacordos e desafios do pensador Georges Balandier (1920-2016). A obra é dividida em duas partes. A primeira, que leva o nome do livro, é composta por 11 ensaios de amplo espectro. Segundo descreve o professor titular de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) Edgard de Assis Carvalho na orelha do volume, esses textos “nos levam aos territórios por vezes áridos das ciências humanas, a seus fundadores, às bases filosóficas das ciências sociais”. Na segunda parte, intitulada *Crônicas*, foram reunidos artigos e resenhas de Balandier, publicados no jornal francês *Le Monde*.



Divulgação



Divulgação

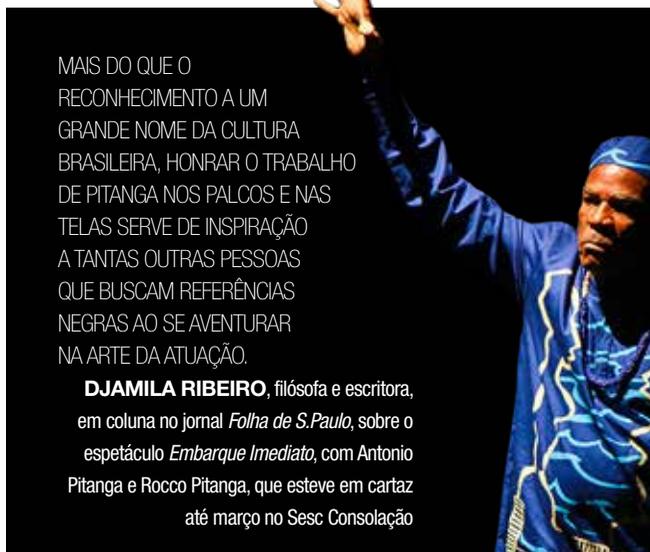
Na preparação para o ritual sagrado Jamurikumalu, no Alto Xingu (MT), realizado e entoado pelas mulheres, apenas Kanu tem a sabedoria de representá-lo, mas um desafio se colocará no caminho. Esse é o enredo do premiado documentário *As Hiper Mulheres*, de Takumã Kuikuro, Carlos Fausto e Leonardo Sette, exibido a partir de 17/4 no SescTV. Assista pelo site sesc.tv.org.br ou pelo Canal 128 da Oi TV (consulte sua operadora).

O TEATRO, ASSIM COMO OUTRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS (COMO DANÇA E SHOWS DE MÚSICA), VIVE DO EFÊMERO: O REGISTRO RESISTE NA MEMÓRIA DE QUEM VIU. (...). JEFFERSON DEL RIOS INICIOU A CARREIRA DE CRÍTICO TEATRAL EM 1969 E, DESDE ENTÃO, ACOMPANHOU, COM OLHAR ARGUTO, A EVOLUÇÃO CÊNICA.

UBIRATAN BRASIL, no jornal *O Estado de S. Paulo*, sobre o recém-lançado *Teatro, Literatura, Pessoas* (Edições Sesc São Paulo), de Jefferson Del Rios, livro que integra a Coleção Críticas

MAIS DO QUE O RECONHECIMENTO A UM GRANDE NOME DA CULTURA BRASILEIRA, HONRAR O TRABALHO DE PITANGA NOS PALCOS E NAS TELAS SERVE DE INSPIRAÇÃO A TANTAS OUTRAS PESSOAS QUE BUSCAM REFERÊNCIAS NEGRAS AO SE AVENTURAR NA ARTE DA ATUAÇÃO.

DJAMILA RIBEIRO, filósofa e escritora, em coluna no jornal *Folha de S. Paulo*, sobre o espetáculo *Embarque Imediato*, com Antonio Pitanga e Rocco Pitanga, que esteve em cartaz até março no Sesc Consolação



Leto Carvalho



Fotos: Adriana Vichi

Lapidar uma **EXISTÊNCIA**

ESCULTOR, ESCRITOR E CURADOR, ESCULTOR, ESCRITOR E CURADOR APURA
OFÍCIO E VIDA COM AS FERRAMENTAS DO CONHECIMENTO E DA SENSIBILIDADE

Emanuel Araújo nasceu em 1940, em uma tradicional família de ourives em Santo Amaro da Purificação, Bahia. Na terra natal, aprendeu marcenaria, linotipia e estudou composição gráfica até realizar, em 1959, sua primeira exposição individual. No ano seguinte, já em Salvador, estudou gravura na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Da Bahia para São Paulo e travessias pelo mundo, vem buscando novas cores, objetos e temas a lapidar uma carreira como artista plástico, escritor, professor, curador e diretor de importantes instituições culturais, como o Museu de Arte da Bahia (1981-1983), a Pinacoteca do Estado de São Paulo (1992-2002) e o Museu Afro Brasil (2004), do qual também é fundador. Localizado no Parque Ibirapuera, na capital paulista, o Museu Afro Brasil reúne um acervo de mais de 6 mil obras – pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, documentos e outros objetos – de artistas brasileiros e estrangeiros, produzidas desde o século 18 até hoje. Peças que preservam universos culturais africanos e afro-brasileiros. Temas que dialogam com a religião, o trabalho, a arte e a escravidão. “O Museu Afro Brasil é um museu de história, arte e memória. Acontece que somos uma fala ainda muito pálida. Porque a história do Brasil é mal contada, é mal inventada, é mal historiografada. Quem fala em artistas negros no Brasil? Ninguém. Falam no máximo da escravidão, do navio negreiro. E o resto? E quem mergulha aí? Nesse caso, esse museu é pioneiro”, aponta. Nesta entrevista, Emanuel Araújo reflete sobre arte, existência e preconceitos.

Hoje se fala muito em arte negra brasileira. O que determina essa estética?

Acho uma discriminação. Arte negra é arte africana. A questão não é a arte negra, mas a arte de artistas negros. Entende? O que me parece que tem de ser dito é que a arte feita por artistas negros do Brasil não é, absolutamente, arte negra. Por exemplo, artistas negros como Aleijadinho [Antônio Francisco Lisboa, 1738-1814], Mestre Valentim [Valentim da Fonseca e Silva, 1745-1813], Teófilo de Jesus [1758-1847], Manuel da Cunha [1737-1809] e outros dos séculos 18 e 19, como os irmãos pré-modernistas Arthur Timótheo [1882-1922] e João Timótheo [1879-1930], são artistas que estavam criando obras dentro de dogmas eurocêntricos. Eles eram negros e nem por isso estavam fazendo uma arte negra. Agora, o Brasil tem esse preconceito, esse racismo estrutural que está arraigado no inconsciente dos brasileiros. Então, quando falo de artistas afro-brasileiros, estou falando da pessoa, não estou falando da arte criada por eles.

Ou seja, essa configuração estética da arte não existe?

O Barroco, o Neoclássico são europeus. Um artista afro-brasileiro não poderia criar uma arte que fugisse daqueles dogmas, isso faz parte do nosso consciente e inconsciente eurocêntrico ocidental. A arte africana, com seus próprios dogmas, não perpassa por isso. Arte africana fica lá. Isso porque a África é um enorme continente, com diferentes criadores, com representações artísticas de cada um dos países. O Benin, antigo reino Dahomé, e a Nigéria, de língua iorubá e fon, têm seus deuses muito parecidos com os nossos do candomblé, da Bahia, do Recife. Portanto, seus artistas produzem obras referentes aos seus deuses (orixás) da religião de matriz africana. Ou, ainda, cada país africano tem suas devoções, seus ritos, suas danças, suas criações artísticas para celebrar suas manifestações culturais. Isso quer dizer que eles estão fazendo arte africana, com seus próprios conceitos ou dogmas.

Como essa matriz africana é representada no Brasil?

No Brasil, eu diria, por exemplo, que Rubem Valentim [1922-1991], Agnaldo Manoel dos Santos [1926-1962] e Mestre Didi [Deoscóredes Maximiliano dos Santos, 1917-2013] são artistas de uma corrente própria, fazendo uso da ancestralidade africana, da Bahia, dos índios e mesmo da umbanda do Rio de Janeiro. No caso do Rubem Valentim, em suas obras aparecem esses símbolos sincréticos, como

o machado duplo de Xangô, ou o arco e flecha de Oxóssi, as formas redondas dos abbés de Oxum ou de Iemanjá. Nesse sentido, ele é mesmo um artista com largas referências baianas nas suas esculturas, pinturas e gravuras. Isso para dizer que a Bahia é de fato uma invenção própria. Rubem Valentim e outros são artistas sincréticos brasileiros – são negros, mas não fazem arte negra.

Rubem Valentim, sem dúvida, tem uma característica particular na arte brasileira.

No entanto, em vida, ele foi pouco reconhecido.

Rubem Valentim fazia parte da renovação da arte moderna da Bahia, com Carlos Bastos [1925-2004], Genaro de Carvalho [1926-1971] e Mario Cravo [1923-2018] – que eram filhos da oligarquia baiana. Depois vieram [para o grupo] Jenner Augusto [1924-2003], de Sergipe, e Carybé [1911-1997], da Argentina via Rio de Janeiro. Rubem Valentim era um baiano, mestiço, que abandonou a carreira de dentista pelas artes plásticas e deve ter sofrido discriminação na sua terra, onde

apesar de ter maioria negra o preconceito corria solto. Havia nele certo desconforto da origem humilde, mas com seu grande talento foi primeiramente para o Rio de Janeiro e depois para Brasília, onde foi professor da Universidade de Brasília (UnB). Acho que, devido a tudo isso, ele era uma pessoa difícil e lutou até o último momento da vida para fazer valer sua criação artística, com seus símbolos afro-brasileiros. Chegou a escrever um texto com os princípios da sua

arte. Por isso, o Nelson Rodrigues [1912-1980] tem razão ao falar do complexo de vira-lata. Nós não nos olhamos, temos uma elite que não reconhece o viver no país. Daí vem a grande dificuldade de cidadania.

Você acredita que, quando se fala em arte negra brasileira, esse termo reduz o impacto estético do trabalho de Rubem Valentim e de tantos outros artistas negros?

Não sei se a intenção é outra, é reduzir o artista negro a um lugar determinado dentro desse preconceito estrutural que se vive no Brasil. A arte não deveria ser rotulada assim, sem um conceito estético, ao sabor da definição se o indivíduo é negro ou não. Os franceses, que foram colonizadores em muitos países africanos, até hoje não conseguem estabelecer critérios para determinar o que é uma arte africana, colonial da África e Oceania. Eles nunca tiveram uma definição que saísse do velho conceito eurocêntrico. Toda vez que algum curador propõe uma revisão desse conceito, ela é naturalmente

A QUESTÃO NÃO
É A ARTE NEGRA,
MAS A ARTE DE
ARTISTAS NEGROS

A man with a goatee, wearing a white suit, a light purple striped shirt, and a white hat, stands in a gallery. He is looking upwards and to the right, with his right hand resting on a white marble sculpture of a figure in a dynamic pose. The gallery features a large painting of a woman in a feathered headdress on the left, a golden relief sculpture on the wall behind him, and a red curtain on the far right. A glass coffee table is in the foreground, reflecting the man and the sculpture. A chair with a patterned cushion and a graphic pillow is visible on the left.

A MINHA CURADORIA VAI
ALÉM DE SIMPLEMENTE
FAZER UMA EXPOSIÇÃO.
ELA VAI ALÉM DO ESPAÇO,
DEVE SER A CONDUTORA
DE EMOÇÕES

abortada. Por exemplo: quando o Centro Georges Pompidou [em Paris] fez a exposição *Les Magiciens de la Terre* [em 1989], o curador perdeu o cargo. Mais recentemente, com a criação do Museu do Quai Branly [inaugurado em 2006 em Paris], um novo conceito foi armado, mas logo desfeito, o das artes primeiras. E o Museu do Quai Branly virou o Museu das Artes e Civilizações da África, Ásia, Oceania e Américas.

O que isso quer dizer?

Na verdade, eles estabeleceram o museu no molde francês do museu colonial. Ou seja, volta tudo à estaca zero. Onde foi parar esta arte primeira? Não existe isso. Quer dizer, ela foi uma invenção para tentar fazer uma aproximação estética com dogmas não eurocêntricos. No fim, ficamos nessa história sempre: o certo é que arte africana é arte africana, arte francesa é arte francesa, arte brasileira é arte brasileira.

Em séculos passados, encontramos uma série de artistas negros contudentes no Brasil. O que favoreceu esse cenário?

Acho que esse movimento vem desde o século 17, das organizações de artes e ofícios, a partir do conceito da tradição portuguesa de artistas, pintores, escultores, douradores, entalhadores, marceneiros, construtores e pedreiros, que começavam como aprendizes até chegarem ao posto de mestres. Foi assim que escravos e negros forros entraram nessa tradição, e assim temos grandes nomes da pintura, da escultura e até da arquitetura, como o Tebas [Joaquim Pinto de Oliveira, artista e arquiteto que foi escravizado, nascido em Santos, 1721-1811]. Ele veio da tradição portuguesa e construiu a antiga Sé de São Paulo, assim como o clã dos Dutras, da cidade de Itu. Outro grande exemplo é o pintor, construtor e músico Jesuíno do Monte Carmelo [Jesuíno Francisco de Paula Gusmão, 1764-1819], cuja biografia Mário de Andrade escreveu. Portanto, no Brasil desse tempo os artistas eram negros ou mestiços.

De que forma, naquele momento, os artistas negros conseguiram uma projeção?

Artistas negros perpassam toda a cultura brasileira. Não é à toa que tivemos duas bulas portuguesas proibindo que índio e negro fossem ourives, que trabalhassem com ouro. No

século 18, mandaram quebrar todas as bancas de ourives do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco. Há histórias sobre muitos militares que administravam fortes onde no subsolo havia negros trabalhando escondidos por causa dessa bula portuguesa. Assim, o trabalho das igrejas e das ordens terceiras [ordens religiosas leigas], as pinturas parietais e dos tetos, muito em voga nas cidades coloniais, garantiam a esses artistas até enriquecimento. As orquestras eram de negros, e eles iam tocar nas ordens de brancos, onde pretos não entravam.

NESTA EXPOSIÇÃO
DE ARTE INDÍGENA
[HERANÇAS DE UM
BRASIL PROFUNDO,
NO MUSEU AFRO
BRASIL], HÁ UMA
CELEBRAÇÃO DA
BELEZA DESSE
POVO QUE RESISTE
ÀS INTEMPÉRIES
DE UM PAÍS
QUE NÃO O VÊ

Depois dessa fase, o que aconteceu?

Com a chegada da academia [Academia Imperial de Belas Artes, inaugurada em novembro de 1826, no Rio de Janeiro], tudo vai se modificar. Portanto, o século 19 será muito difícil para artistas. Por exemplo, José Maurício Nunes Garcia [1767-1830], o grande músico negro da Capela Imperial, no tempo de dom João VI [quando ocorreu a transferência da família real portuguesa para o Brasil, entre 1808 e 1822] sofreu muito por causa de seu concorrente português. Por outro lado, exceções ocorreram, como é caso da grande amizade entre o vice-rei Luiz de Vasconcellos e o Mestre Valentim da Fonseca e Silva, escultor e arquiteto que construiu defronte ao Paço Imperial os Jardins e a Fonte dos Amores no Passeio Público. Vale ainda falar da Academia Imperial de Belas Artes e do fracasso dos artistas negros daqueles tempos por preconceito e por falta de apoio ou encomendas que lhes garantissem a sobrevivência. Falo, por exemplo, de Estevão Silva [1845-1891], punido por recusar o segundo lugar do Prêmio da Academia diante do Imperador dom Pedro II. Essas são as mudanças pelas quais se vai construindo uma sociedade que expurga o artista negro, e de certa maneira também fracassa a corporação de ofícios. Os mecenas agora serão outros, não mais a Igreja e as ordens terceiras do século 18.

A partir de então, o preconceito passou a pesar mais para os artistas?

Não tenho dúvida. O Arthur Timótheo morreu louco em um hospício; depois, seu irmão, o também artista João Timótheo, morreu louco no mesmo hospício. Não é estranho?

O BRASIL TEM ESSE PRECONCEITO, ESSE RACISMO ESTRUTURAL QUE ESTÁ ARRAIGADO NO INCONSCIENTE DOS BRASILEIROS

Isso depois de ganharem um prêmio de viagem para a Europa e fazerem a grande façanha de decorar a sede do Fluminense Futebol Clube. Esse sempre foi um país ambíguo. O que era o Brasil no século 19? Era um vazio. E os artistas enfrentavam o preconceito nesse enorme vazio. Depois da abolição da escravidão, em 1888, todos os africanos que voltaram para a África levaram com eles o que aprenderam no Brasil. E o resultado se pode ver na cidade de Porto Novo, capital administrativa do Benin, na catedral, assim como na grande mesquita, e ainda se pode ver nos sobrados ao estilo do século 19. Ali se constituiu uma sociedade dos agudás [*descendentes de escravos e comerciantes baianos que emigraram para a região*] com sobrenomes brasileiros dos retornados, como os Sosas, os Oliveiras, os Almeidas, os Pereiras. Ali também se comemoram as Festas do Bonfim, nas quais dançam a “burrinha”, similar ao bumba meu boi.

Além de ter escrito mais de dez livros e ter uma sólida produção como artista, você fundou, em 2004, o Museu Afro Brasil, do qual é diretor curador. Qual é o papel dessa instituição?

O Museu Afro Brasil é um museu de história, arte e memória. Nele, a gente tem a história e a memória juntas, além da arte. Acontece que somos uma fala ainda muito pálida. Porque a história do Brasil é mal contada, é mal inventada, é mal historiografada. Quem fala em artistas negros no Brasil? Ninguém. Falam no máximo da escravidão, do navio negreiro. E o resto? E quem mergulha aí? Nesse caso, esse museu é pioneiro. Nele se fala da vida e de quem o negro foi, e de como o negro contribuiu para a formação da cultura e da identidade nacional. Nele se fala do primeiro editor negro brasileiro, o Paula Brito [1809-1861], o grande poeta simbolista Cruz e Sousa [1861-1898], o engenheiro, historiador e criador da Escola Politécnica de São Paulo, o grande Teodoro Sampaio [1855-1937]. Esse museu é para elevar a autoestima de milhares de crianças negras e brancas que o visitam com os nossos educadores. A nossa esperança é que eles sejam os novos brasileiros, destituídos de racismo e preconceito. O Museu Afro Brasil não é um museu de tesouros, mas é um tesouro de museu, que conta a nossa história de verdade.

Como é seu trabalho como curador, que se destaca por uma atuação executiva?

A minha curadoria vai além de simplesmente fazer uma exposição. Ela vai além do espaço, deve ser a condutora de emoções. Por isso a geografia, os espaços e outros elementos devem reforçar essas emoções.

Em 1993, na exposição sobre Mário Andrade, você incluiu recortes de jornal, fotos de fundo de gaveta, música... Havia até uma “neblina”. Para uma exposição, deve-se lançar mão de qualquer tipo de recurso, a fim de contextualizá-la?

Não há dúvida. É por isso que o curador do Museu do Louvre, em Paris, Jean Galard, disse em um jornal de São Paulo que, se tivesse que fazer uma exposição sobre o modernismo no Brasil, ele faria igual à que ele viu na Pinacoteca. Já nesta exposição de arte indígena [*Heranças de um Brasil Profundo, que apresenta a arte e a cultura indígenas no Museu Afro Brasil até o fim do ano*], há uma celebração da beleza desse povo que resiste às intempéries de um país que não o vê. Isso é possível graças aos fotógrafos e fotógrafas que por muito tempo registraram esses povos, suas festas, suas artes e seu respeito a tudo que lhes envolve nas florestas. Graças a Berta Ribeiro [*antropóloga, etnóloga e museóloga, 1924-1997*], aos irmãos Villas-Bôas [*Orlando, 1914-2002; Cláudio, 1916-1998; e Leonardo, 1918-1961*] e ainda aos viajantes que souberam ver esses povos com olhares sensíveis, como o Marechal Rondon [1865-1958], e outros brasileiros e estrangeiros que desde o século 18 correram pelos ásperos e dolorosos caminhos até chegar a esses povos tão distantes de nós mesmos.

E por que uma exposição de arte indígena no Museu Afro Brasil?

Essa exposição faz parte de uma trilogia: africanos, portugueses e índios. Os formadores da nossa brasilidade de cristãos, de índios e negros, como disse o poeta Jorge de Lima [1893-1953]. Vale lembrar que os negros consideram os índios os orixás da terra e também incorporam os índios aos afoxés de caboclos e o culto deles aos candomblés de caboclos. Assim, os índios aparecem nos maracatus de baque virado e nos caboclinhos, no carnaval de Recife e nas representações dos festejos do bumba meu boi do Maranhão. Por tudo isso, o Museu Afro Brasil tem como mister mostrar o que é afro-brasil e o que é brasileiro. Vale lembrar nossos encontros na construção de um país múltiplo, entre lusos, afros e brasileiros – tudo junto e tudo misturado. O Brasil ainda vai encontrar seu ideal. ■



Imagens: ilustração do Estado do Amazonas de 1910 / Edição por Companhia Billier



OUTROS CENÁRIOS, NOVOS SERVIÇOS

DEMANDAS E
NECESSIDADES DA
SOCIEDADE PROMOVEM
MUDANÇAS DO TRABALHO
E NA PAISAGEM URBANA

Arar a terra para colher alimentos e outros insumos foi a principal atividade de sustento no mundo até a Revolução Industrial, no século 18, que trouxe ao mundo outro cenário com o desenvolvimento da energia elétrica e de máquinas a vapor e com a segmentação do trabalho. Desde então, atravessamos centenas de anos de invenções, a exemplo do telefone, do carro e da televisão, determinantes para o crescimento das cidades. Mas, depois de adentrarmos a era digital, a partir da década de 1990, novos modelos de negócios provocaram grandes mudanças na forma como vivemos, convivemos e habitamos. Ainda que as intensas atividades da vida na cidade tenham dado uma pausa, por conta da pandemia de coronavírus, o que se percebe na vida cotidiana, em condições de normalidade, é a criação de novos serviços, que têm transformado metrópoles como a cidade de São Paulo.



Pixabay

SÃO PAULO Setor de Serviços

5.729.193
profissionais atuantes
no estado

2.639.371
profissionais atuantes
na cidade

Fonte: Cadastro Geral de
Empregados e Desempregados,
Ministério do Trabalho, dados
divulgados em 2019



Passeadores de cães, entregadores de marmitas e de outras encomendas, bem como recreadores de festas e profissionais de educação física em condomínios residenciais compõem um cenário que demanda facilidade, rapidez e segurança para aqueles que os contratam. Da mesma forma, uma alternativa à jornada casa-escritório, dada a possibilidade de *home office*, proporciona a criação de espaços de *coworking* ou mesmo a adaptação de novos serviços em cafés e restaurantes.

“Estas novas atividades e serviços respondem a necessidades inicialmente localizadas, mas, à medida que tais necessidades vão se consolidando, tornando-se mais visíveis, novos consumidores vão se agregando, o que provoca um efeito progressivo: oferta e demanda se encadeiam”, observa José Guilherme C. Magnani, professor titular do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o setor de serviços cresceu 1% em 2019, interrompendo uma sequência de quatro anos sem resultados positivos.

“Cabe também ressaltar um efeito perverso nesse processo: a precarização das condições de trabalho, sem garantias laborais. Mas é evidente que novos serviços atendem a uma demanda incipiente e vai induzindo outras”, pondera Magnani. ▶

Faça a sua!

FUNCIONÁRIOS E ESTAGIÁRIOS DE EMPRESA DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM ADQUIRIR A CREDENCIAL PLENA DO SESC, QUE DÁ ACESSO A DIVERSOS BENEFÍCIOS

Atualmente, existem 3 milhões e 200 mil pessoas de diversos setores com a Credencial Plena válida, para ter acesso aos serviços e programações do Sesc. A participação nas programações individuais ou em família estimula o convívio, o aprendizado, momentos de lazer e reflexões acerca de temas contemporâneos, como bem-estar e qualidade de vida. "Sendo assim, a Credencial Plena é um benefício que as empresas das áreas de comércio de bens, serviços e turismo oferecem aos seus empregados", explica Milton Soares de Souza, gerente da Gerência de Atendimento e Relacionamento com Públicos do Sesc.



SAIBA COMO FAZER A SUA CREDENCIAL PLENA

Quem pode fazer?

Os empregados com registro em carteira profissional, os estagiários, os temporários, os desempregados há até 12 meses e as pessoas que se aposentaram enquanto trabalhavam em empresas do ramo do comércio de bens, serviços e turismo podem fazer a **Credencial Plena** no Sesc.

Quanto custa e qual a validade?

A **Credencial Plena** é gratuita e tem validade de até 2 anos em todo o território nacional. **As credenciais ficam prontas na hora.**

O que preciso apresentar?

Verifique a documentação necessária para emitir a **Credencial Plena** de titulares e dependentes.

Saiba mais em sescsp.org.br/credencialplena



► PAISAGEM URBANA

É possível dizer que, nos últimos anos, a capital paulista se tornou um centro moderno de serviços com o envolvimento de novos protagonistas e também com modificações na paisagem urbana.

Um exemplo é a necessidade de uma mobilidade eficiente em uma cidade cada vez mais populosa e de elevado número e trânsito de automóveis, cenário que levou ao desenvolvimento de novas formas de se locomover. E não é preciso adquirir um meio de transporte próprio, basta alugar uma bicicleta ou patinete em estações espalhadas por diferentes bairros.

“Olhando com cuidado, vamos perceber que temos mudado bastante a forma como vivemos na cidade. A ideia de que ela ainda não se adequa às novas tecnologias é verdadeira até certo ponto. Quando era aluno, eu ia de carro para a faculdade e agora, como professor, vou de ônibus, metrô, transporte viabilizado por aplicativos, táxi, carona”, analisa o pesquisador e urbanista Renato Cymbalista. “Não tenho mais carro porque a cidade oferece outras alternativas de mobilidade que não estavam dadas da mesma forma há 30 anos.”

Então, na prática, além de novas oportunidades de trabalho e remuneração, esses serviços são capazes de afetar o modo de se locomover e viver na cidade. “No entanto, isso nem sempre significa alterações na infraestrutura urbana, pois para isso é preciso a atuação do poder público, que nem sempre consegue atender à rapidez da demanda”, destaca Magnani. “Mas podemos dizer, sim, que prestadores e usuários desses novos serviços produzem transformações, procurando readequar equipamentos às necessidades desses serviços. Como festas personalizadas, em que há ainda utilização de espaços ociosos na cidade a serem reciclados, mesmo que estas sejam ações efêmeras.” ■



Do papel ao digital

CONHEÇA A HISTÓRIA POR TRÁS DESSE BENEFÍCIO PARA FUNCIONÁRIOS E FREQUENTADORES DO SESC

Da máquina de escrever ao sistema informatizado e os recursos avançados que cotidianamente se tornam disponíveis para alcançar o público. Dessa forma, o Sesc São Paulo aprimora o serviço de matrícula na busca pelo entendimento de como as pessoas desejam ser identificadas, para que possa pautar a programação, a escolha dos equipamentos e, até mesmo, os critérios e estratégias para a construção de novas unidades.

Anualmente, o Sesc São Paulo registra um alto índice de renovações de matrículas. Há aqueles cujo histórico de renovações remonta à época em que eram crianças, dependentes dos pais. Depois, tornaram-se adultos, vinculados profissionalmente a empresas do comércio de bens, serviços e turismo. Alguns deles se tornaram titulares, casaram e incluíram dependentes em suas matrículas. Dessa forma, a história do serviço de matrícula é viva, traçada pela trajetória de tantas pessoas.

1940

A carteira do Clube Amigos do Sesc e do Senac (CASS) teve papel importante no processo de divulgação da matrícula nos primeiros anos de atividade da instituição. A criação do CASS foi iniciativa dos próprios empregados do comércio de bens, serviços e turismo, matriculados no Sesc. Após retornarem de uma visita ao Sesc Bertioxa, dois comerciários, que eram amigos, pensaram numa forma de manter o contato e acabaram se tornando os fundadores do CASS. Podiam associar-se ao CASS os empregados e os proprietários das empresas do comércio de bens, serviços e turismo.



1960

As carteiras emitidas eram bem simples e traziam, impressos, o nome da instituição, endereço e telefone, além da designação "carteira de matrícula" e da modalidade "Comerciário" ou "Dependente".



1970

Nessa década, os exemplares emitidos apresentaram uma grande mudança na codificação da matrícula, de acordo com o salário e o número de dependentes.



1980

Houve grandes inovações e melhorias quanto ao design gráfico e aos recursos para emissão do cartão. Esse tipo de carteira foi utilizado até o final dos anos 1990. Colorida, com campo específico para o registro do exame médico, a carteira também passou a ser entregue plastificada.



1994 a 2002

A última carteira em papel plastificado circulou nesse período. Esse modelo ainda trazia impressa a classificação quanto ao salário e ao número de dependentes; a assinatura do diretor e o nome e o número da unidade responsável pela emissão antecedendo o código da matrícula.



2002

Foi adotado o cartão de matrícula em plástico vinílico, lançado na inauguração do Sesc Santo André e implantado nas demais unidades da capital e do interior. As imagens desse cartão foram desenvolvidas pelo designer gráfico Rafic Farah, que criou 66 ilustrações, das quais foram selecionadas 22. Atualmente circulam apenas 17, devido ao ajuste necessário para a impressão do logo do Sesc, que passou a ser utilizado em 2012.



2014

O cartão passou a ser designado Credencial, sendo a Plena destinada ao beneficiário principal do Sesc; e Atividades, para inscrição de outros públicos, nos serviços com vagas disponíveis, respeitada a prioridade do beneficiário principal.

2019

Além da versão física, é possível ter a Credencial do Sesc no formato digital, pelo download gratuito do aplicativo Credencial Sesc SP. No entanto, a Credencial Digital não anula a Credencial Física.

A estrela brilha

NO CENTENÁRIO DE CLARICE LISPECTOR,
SUA OBRA SE MOSTRA MAIS
VIVA DO QUE NUNCA

Ela mal sentiu a passagem do tempo. E olha que lá se vão muitos e muitos anos. No centenário de Clarice Lispector, a ser celebrado em dezembro, sua obra pulsa. São relançamentos, versões digitais, obras em destaque em sebos e clubes de leitura (*leia boxe* Somos muitas) para alegrar aficionados e novos leitores.

De origem ucraniana, uma das mais admiradas escritoras brasileiras nasceu em 1920 em Chechelnyk, pequena cidade da região de Vinnytsia, que antes da Revolução de 1917 pertencia ao império russo. Em 1922, a família chegou à calorosa Maceió. A mudança geográfica trouxe outra no rodapé: a alteração dos nomes da família, que passaram a ser abrigados. Foi assim que Haia se tornou Clarice.

Não demorou muito para que conhecessem outra cidade, o Recife, onde a família foi morar em 1925. O ano de 1930 é marcado pela morte de sua mãe e pela produção do primeiro texto teatral da pequena Clarice, chamado *Pobre Menina Rica*. Cinco anos depois, o cenário é o Rio de Janeiro, onde a jovem dá aulas particulares de matemática e português.

Inicia os estudos na Faculdade Nacional de Direito, em 1939. No ano seguinte, a morte do pai coincide com outra transformação profissional, a atuação como jornalista: na Agência Nacional e, posteriormente, no jornal carioca *A Noite*. A naturalização como brasileira chega só em janeiro de 1943, ano da publicação de *Perto do Coração Selvagem*, seu primeiro livro.



A escritora
em foto da
década de 1970

Imagens: Editora Rocco/Digitalização





A escritora Clarice Lispector e o cão Ulisses na década de 1970

O casamento com o diplomata Maury Gurgel Valente, em 1943, a fez cruzar mares rumo à Itália, mas, antes de ali ancorar, ficou uma temporada em Portugal e no norte da África. Seu segundo e terceiro livros vieram na sequência: *O Lustre*, em 1946, e *A Cidade Sitiada*, em 1949.

Contato com o público

O encontro dos leitores com autores muitas vezes se dá por meio de contos, textos mais curtos, de página ágil, que cativam de imediato. Foi o que aconteceu com Stella Tobar, dramaturga e diretora da peça *Minhas Queridas*, apresentada no Sesc Pinheiros durante fevereiro. Stella é admiradora da personalidade e da obra de Clarice: “Quando li os contos reunidos em *Laços de Família* [segundo livro de contos da autora, lançado em 1960] e depois *Uma Aprendizagem ou O Livro dos*

Sim, ela sentia dentro de si um animal perfeito. Repugnava-lhe deixar um dia esse animal solto. Por medo talvez da falta de estética. Ou receio de alguma revelação...

C.L., *Perto do Coração Selvagem*, 1943

Prazeres (romance, 1969), com pouco mais de 20 anos, decidi que um dia levaria o universo *clariceano* ao palco”.

A escritora intercalou a atividade na imprensa e a publicação de livros, o que a levou a se enveredar também pela literatura infantil, com *O Mistério do Coelho Pensante* (1967) e *A Mulher que Matou os Peixes* (1968). Seguiram-se os clássicos *Felicidade Clandestina* (1971) e *Água Viva* (1973). Clarice morreu em 9 de dezembro de 1977 em decorrência de um câncer.

A artista resplandecia em suas narrativas. Um dos pontos de conexão é o corpo feminino, considerado matéria primordial em sua obra, de acordo com a psicóloga e escritora Daniela Pinotti. “O ser só existe no corpo e pelo corpo, por isso sua obra é repleta de sensações e sentimentos que nascem dos órgãos, dos sentidos e do contato do corpo com o mundo”, explica.

Ao instrumentalizar o sentido, a autora chama de leitores para a experiência da sensação. “A ideia é

abrir uma percepção mais intensa e mais íntima do corpo, propondo um mapa corporal/emocional!”, acrescenta Daniela.

O mais vendido

Ao pensar em Clarice, logo vem à mente *A Hora da Estrela*. O livro de 1977 é seu último romance publicado em vida e o mais vendido de sua bibliografia. Pedro Vasquez, editor da Rocco, detentora dos direitos da obra de Clarice no Brasil, confirma que o clássico foi impulsionado, também, pela adoção em diferentes etapas escolares, do ensino médio ao universitário. Além disso, alcançou o grande público com a adaptação cinematográfica de Suzana Amaral (o filme foi lançado em 1985). “Com esplêndidas interpretações de Marcélia Cartaxo – agraciada com o Urso de Prata do Festival de Berlim por sua Macabéa – e José Dumont, como Olímpico de Jesus”, diz Vasquez.

A provocação literária da escritora, composta por uma prosa direta e metalinguística, versando

Por aqui!

SIGA AS INDICAÇÕES E CHEGUE MAIS PERTO DO UNIVERSO DA AUTORA

A Hora da Estrela (Suzana Amaral, 1985) –

O filme é uma adaptação do romance homônimo e tornou-se um clássico do cinema brasileiro.

“A tridimensionalização de Macabéa proposta pela película abriu o meu olhar para uma poesia dentro do simples, do cotidiano, do comum, além do feminino de Macunaíma”, diz Marilene Grama, atriz da peça *Minhas Queridas*, que esteve em cartaz durante o mês de fevereiro, no Sesc Pinheiros.

Clarice, uma Biografia (2009, Benjamin Moser) –

O livro – um dos responsáveis por impulsionar o culto internacional à escritora – reúne em 576 páginas a pesquisa de Benjamin Moser, que faz uma leitura afetuosa para iniciados ou novatos no universo da autora.



O Livro dos Prazeres (Marcela Lordy, 2020) –

O filme, com previsão de lançamento para este ano, é ambientado no Rio de Janeiro e traz Simone Spoladore no papel de Lóri e o ator argentino Javier Drolas como Ulisses, formando o casal central da história, que aborda as mulheres e o feminino bem ao modo de Clarice Lispector.

A Paixão segundo G.H. (Luiz Fernando Carvalho, 2020) –

As filmagens de mais uma adaptação cinematográfica da obra de Clarice, ou como prefere dizer seu diretor, uma “tradução” da história, tem Maria Fernanda Cândido como a personagem central. O livro, publicado em 1964, é permeado por fluxos de consciência.



Com Carolina Maria de Jesus, que se consagrou no ano de 1960 ao publicar um livro autobiográfico intitulado *Quarto de despejo – Diário de uma favelada*

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?

C.L., sumário do livro
A Hora da Estrela, 1977

sobre o ato de escrever, munida da introspecção e da potência psicológica conferida aos personagens, seus sentimentos e sensações, aparece como um contraponto ao romance regionalista, representado por Graciliano Ramos e José Lins do Rego, entre outros.

A imagem de Clarice era associada à postura de mulher forte, com o rosto anguloso e olhos questionadores, os quais metaforizavam a profundidade de cada pensamento exposto em seus livros. A ficção “tem o poder ou mistério de nos arrebatar, de colocar o leitor para dentro do texto, de envolvê-lo”, identifica Marcelo Maluf, escritor e professor de criação literária. Para ele, esse magnetismo é responsável pela crescente renovação de leitores, no Brasil e no exterior. “A provocação existencial e espiritual que Clarice propõe a seus personagens transborda das páginas”, completa.

Mundo afora

A literatura de Clarice não envolve apenas o leitor brasileiro. Em 2005, ela foi homenageada pela Festa Internacional Literária de Paraty (FLIP) e vem se firmando como uma das escritoras brasileiras mais reconhecidas em outros países. A coletânea *Todos os Contos* rendeu um lugar na lista dos melhores do ano do *New York Times*, em 2015. Ela foi a primeira brasileira a estampar a capa da revista *New York Review of Books* e foi comparada à decantada autora Virginia Woolf pelo *Wall Street Journal*.

Atestando a inovação formal e a qualidade literária, esses intercâmbios literários têm explicação? “Isso se dá em virtude do caráter universal de sua temática, que trata da condição humana sem se perder em questões regionalistas ou nacionais, com a única exceção de *A Hora da Estrela*”, afirma Pedro Vasquez. “Da mesma forma que Woolf não reflete apenas a cultura inglesa, nem Kafka pode ser encarado como um escritor eminentemente tcheco, Clarice Lispector não pode ser considerada basicamente brasileira. Esses autores refletem aspectos de suas culturas de origem, porém

Se eu me confirmar e me considerar verdadeira, estarei perdida porque não saberei onde engastar meu novo modo de ser — se eu for adiante nas minhas visões fragmentárias, o mundo inteiro terá que se transformar para eu caber nele.

C.L., *A Paixão Segundo G.H.*, 1964

as transcendem contemplando a condição humana.” As histórias de Clarice ganharam o mundo, com traduções em mais de 30 países, e vêm conquistando uma legião de admiradores, que lhe rendem homenagens. Por exemplo, a autora ganhou uma semana só sua, a *Clarice Week*, assim chamado o evento anual realizado em terras nova-iorquinas. ■

Somos muitas

A OBRA DA ESCRITORA SE DESTACA NA PROGRAMAÇÃO

O Sesc Pinheiros recebeu, no mês de fevereiro, a temporada da peça *Minhas Queridas*, com a dramaturgia inspirada na correspondência trocada entre Clarice e suas irmãs, Elisa e Tania, nas décadas de 1940 e 1950, interpretadas pelas atrizes Marilene Grama (*foto*) e Simone Evaristo, com direção de Stella Tobar.



Mathheus Jose Maria

LEGADO EXUBERANTE

ARTISTA DE VÁRIAS FACETAS, FERNANDO LEMOS

FEZ HISTÓRIA NA FOTOGRAFIA, NA PINTURA E NO DESIGN

Em conversa por e-mail datada de julho de 2018, intermediada pela esposa, Beatrix Overmeer, o fotógrafo e pintor Fernando Lemos (1926-2019) respondeu de forma concisa às perguntas sobre os bastidores das fotos do livro *Fernando Lemos Hilda Hilst* (Edições Sesc São Paulo, 2018). Ao ser questionado sobre a sensação de ver as fotos compiladas no livro anos após o registro das imagens, feitas em 1959, ele se dizia satisfeito com a relevância do registro: “Fiquei contente com a confirmação da Hilda como poeta e com a atualidade das fotografias, que, afinal, já têm quase meio século”.

O fotógrafo português chegou ao Brasil, em 1953, para uma exposição no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. No mesmo ano, também expôs no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Estabeleceu-se na cidade de São Paulo aos 27 anos, e deixou para trás a ditadura salazarista em Portugal (regime autoritário que vigorou naquele país de 1933 a 1974). Também a partir dos anos 1950 passou a dedicar-se com mais ênfase à fotografia.

TRAJETÓRIA NO BRASIL

Lemos desenvolveu múltiplas frentes: prosa, poesia, ilustração e design. Entre 1968 e 1970, presidiu a Associação Brasileira de Desenho Industrial, sendo um de seus fundadores. Nesse período, foi professor de Artes Gráficas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Em 1983, tornou-se diretor do Centro Cultural São Paulo. Imerso no contato com a urbanidade, era um agitador cultural inveterado.

Entre outubro de 2018 e janeiro de 2019, ano da morte do artista, o Sesc Bom Retiro o homenageou com a exposição *Fernando Lemos – Mais a Mais ou Menos* (confira, nas próximas páginas, algumas das imagens que estiveram na mostra). Para 2021, está previsto o lançamento de sua biografia (ainda sem editora) escrita por Tânia Martuscelli, professora de Literatura e Artes da Universidade do Colorado, nos Estados Unidos. ■

EM PRETO E BRANCO

Mostra e livro apresentam versatilidade do artista

Fernando Lemos Hilda Hilst (Edições Sesc São Paulo, 2018) exhibe o ensaio fotográfico feito por Fernando Lemos com a poeta Hilda Hilst, somando-se a colagens do artista sobre as fotos originais. Um texto de Augusto Massi, professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP) e crítico literário, comenta esse encontro bem como a trajetória de Fernando como poeta e fotógrafo e a produção poética da jovem Hilda.

A versatilidade de Lemos também pôde ser vista na mostra *Fernando Lemos – Mais a Mais ou Menos*, em cartaz no Sesc Bom Retiro entre outubro de 2018 e janeiro de 2019. Com curadoria de Rosely Nakagawa, a exposição reuniu 86 obras, entre desenhos, fotografias, cartões-postais e pinturas realizadas pelo artista desde a década de 1940.

BAIXE NOSSO APP E
VEJA MAIS IMAGENS



França, 1951. Retrato do amigo José-Augusto França, historiador e crítico de arte português







Fotografias feitas no Japão, 1963 /
Folha de contato de negativos 120 mm

◀ *Palavras Leva-as o Vento - Roupas Leva-as o Tempo*, 1949



Fotografias feitas no Japão, 1963 /
Folha de contato de negativos 120 mm

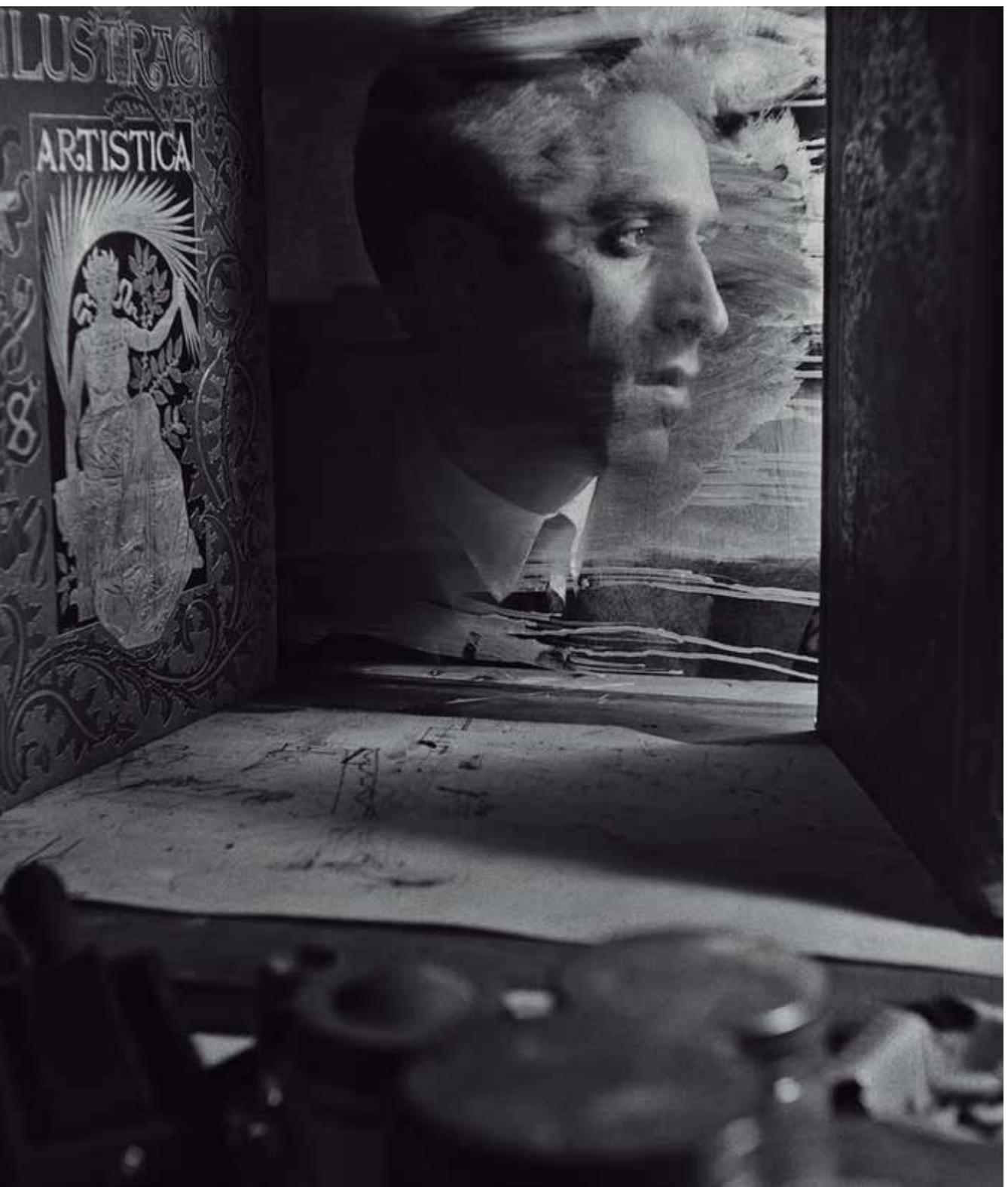
Fotos: Fernando Lemos



Luz Teimosa, 1949-1952



Luis Pilar, O Mito da Caverna, 1949





Luz Despertada, 1949







Natureza Morta, 1949

*Intimidade dos
Armazéns do Chiado*,
1949-1952



Retratos da escritora Hilda Hilst, 1959





André Matos/SUS Abelhas Sem Ferrão

Aprender como identificar uma abelha nativa, de que forma ter uma colmeia em casa e como é o trabalho de um meliponicultor foram foco de curso realizado em março no Sesc Itaquera

ZUM zum ZUM

A IMPORTÂNCIA DE CONHECER E PRESERVAR ABELHAS PARA A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E MANUTENÇÃO DE ECOSISTEMAS

Quando crianças, aprendemos o trajeto e a missão de uma abelha. De flor em flor, ela pousa para coletar o néctar, com o qual vai produzir mel, cera, própolis e geleia real em suas colmeias. Também começa ali, na infância, o medo desse inseto voador muito conhecido pelo ferrão. E, assim, somos afastados desses seres essenciais à manutenção da vida na Terra.

“Infelizmente, a maioria da informação passada ao grande público trata apenas da espécie exótica *Apis mellifera* [conhecida como abelha-europeia, ela tem ferrão] e de que seu produto mais importante é o mel, o que é um enorme equívoco. O serviço de polinização por abelhas responde por, aproximadamente, 75% de toda a nossa alimentação e isso não é devidamente exposto”, pondera Gerson Luiz Pinheiro, idealizador e presidente da SOS Abelhas sem Ferrão, uma organização sem fins lucrativos que realiza ações de conscientização e resgate de enxames em risco.

Ou seja, são esses pequeninos insetos os responsáveis pela manutenção da fauna e da flora no planeta. Protagonistas que correspondem a, aproximadamente, 25 mil espécies, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). Dentre elas, estão as abelhas nativas, ou sem ferrão, menos famosas que aquelas nas cores preta e amarela, munidas de um ferrão e populares em livros e animações do cinema.

POLINIZAR CONHECIMENTO

“Precisamos falar que são mais de 1850 abelhas nativas já descritas no Brasil e nós conhecemos quase nada dessa diversidade”, destaca Adriana Tiba, que, ao lado de Julio Pupim, é idealizadora do Projeto Abelhas do Brasil. A iniciativa promove a construção e distribuição de abrigos para a conservação desses animais, entre outras ações.

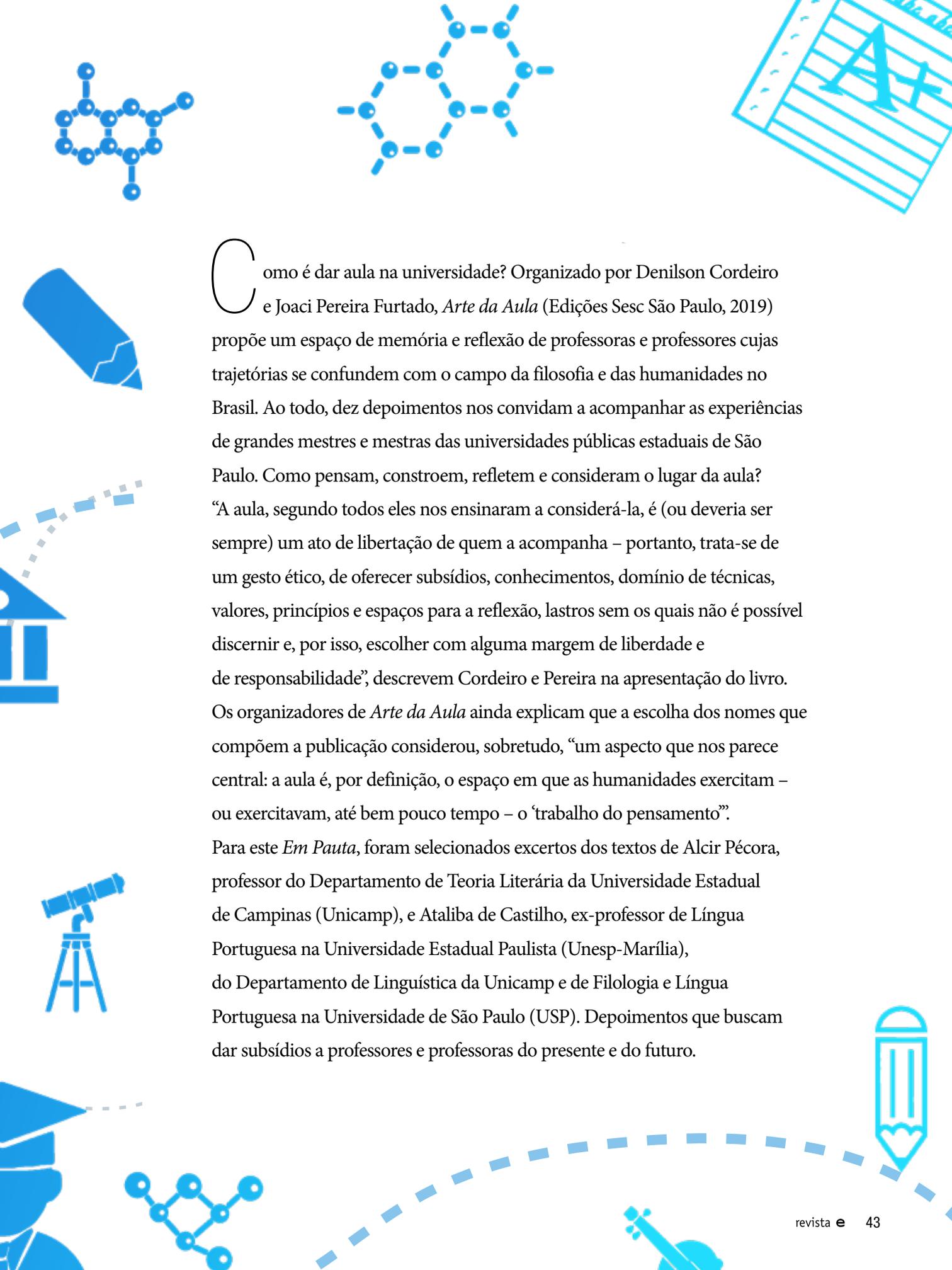
O reconhecimento do papel e das diferentes espécies de abelhas se tornou ainda mais importante nos últimos anos, depois que a FAO e outras organizações alertaram sobre a ameaça de morte e extinção dessas importantes polinizadoras da natureza. Cenário agravado, principalmente, por atividades humanas, como crescentes processos de urbanização, desmatamento e uso de agrotóxicos e pesticidas em plantações.

Ceramista, Adriana se tornou especialista em construção de ninhos em argila para que abelhas possam procriar com segurança. “Algumas abelhas solitárias têm o hábito de fazer ninhos em pedaços de madeira, ocos de bambu, e em pedaços de argila. Com esses materiais é possível atrair as fêmeas e observar o ciclo de vida de algumas dessas abelhas, juntamente com o plantio e cultivo de plantas que possam oferecer os recursos necessários”, explica. “Dessa maneira, podemos contribuir um bocado para o conhecimento e conservação desses polinizadores potenciais.”

Outro grande defensor das espécies nativas do Brasil, Gerson assumiu a causa depois que foi apresentado às abelhas sem ferrão pela filha çaçula. Aos poucos a paixão desse administrador de empresas por formação se transformou na iniciativa de resgatar abelhas ameaçadas e educar pessoas sobre a importância delas. Hoje palestras, cursos e oficinas em escolas, parques, praças e empresas são as principais atividades da organização que preside.

“Vivências permitem que o público em geral tenha contato direto com um assunto tão importante para a vida de todos”, assinala. “Infelizmente, a maioria da população desconhece a existência desses seres e também de sua importância ambiental. Todo evento que permita esse contato é extremamente importante.” ■

A ARTE DE LECIONAR



Como é dar aula na universidade? Organizado por Denilson Cordeiro e Joaci Pereira Furtado, *Arte da Aula* (Edições Sesc São Paulo, 2019) propõe um espaço de memória e reflexão de professoras e professores cujas trajetórias se confundem com o campo da filosofia e das humanidades no Brasil. Ao todo, dez depoimentos nos convidam a acompanhar as experiências de grandes mestres e mestras das universidades públicas estaduais de São Paulo. Como pensam, constroem, refletem e consideram o lugar da aula? “A aula, segundo todos eles nos ensinaram a considerá-la, é (ou deveria ser sempre) um ato de libertação de quem a acompanha – portanto, trata-se de um gesto ético, de oferecer subsídios, conhecimentos, domínio de técnicas, valores, princípios e espaços para a reflexão, lastros sem os quais não é possível discernir e, por isso, escolher com alguma margem de liberdade e de responsabilidade”, descrevem Cordeiro e Pereira na apresentação do livro. Os organizadores de *Arte da Aula* ainda explicam que a escolha dos nomes que compõem a publicação considerou, sobretudo, “um aspecto que nos parece central: a aula é, por definição, o espaço em que as humanidades exercitam – ou exercitavam, até bem pouco tempo – o ‘trabalho do pensamento’”. Para este *Em Pauta*, foram selecionados excertos dos textos de Alcir Pécora, professor do Departamento de Teoria Literária da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e Ataliba de Castilho, ex-professor de Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista (Unesp-Marília), do Departamento de Linguística da Unicamp e de Filologia e Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo (USP). Depoimentos que buscam dar subsídios a professores e professoras do presente e do futuro.

Exercício coletivo

ALCIR PÉCORA

Não consigo me lembrar de minha primeira aula como professor universitário. Lembro-me das circunstâncias apenas. Porque a minha primeira aula, como professor universitário, deve ter sido como monitor do Haquira Osakabe, professor de análise do discurso, do Departamento de Linguística. Então, com certeza, foi alguma aula em torno desse assunto. Mas não tenho nenhuma ideia exata, de um dia especial, nenhuma sensação duradoura...

O frio na barriga existiu sempre. Não chego mais a ter frio na barriga, mas um certo incômodo, sempre – a cada vez que entro em sala, a cada nova matéria. Nunca me senti completamente à vontade nas aulas. Mas, claro, naquele período eu devia mesmo ter frio na barriga: era muito novo. Fui contratado como monitor da Unicamp em março de 1975. Ou seja, tinha 20 anos.

Era mais novo do que boa parte dos alunos, que entravam mais tarde do que hoje na universidade. Mas também não me lembro de sentir grandes problemas com isso. Talvez tenha sido apenas inconsequente. Estava ainda no terceiro ano da graduação. Acho que nem cheguei a ter uma noção exata do que estava fazendo ali. Mas sei que, dois anos depois, em 1977, fui efetivado como docente do Departamento de Teoria Literária e comecei a dar aula no chamado ciclo básico.

Dava aula de redação, basicamente, para todas as áreas da universidade, numa disciplina com um nome mais pomposo: Prática de Produção de Textos. Eram classes grandes. Acho que nunca foi confortável dar aulas. Estou lhe falando mais pelo que imagino hoje do que pelo que realmente senti na época, porque, como lhe disse, em termos concretos, não me lembro de nenhuma preocupação particular minha.

A ideia de dar aula na universidade talvez não tivesse o peso que tem hoje. Eu tinha mais uma ideia de discutir os livros que estava lendo, aquele entusiasmo de participar de uma universidade nova, não de ser professor, exatamente. Também não me lembro de alguma aula especialmente marcante que eu tivesse dado. Nunca me impressionei com nenhuma que eu mesmo desse. Algumas vezes, senti

que a aula foi má – até meio frequentemente, isso. Mas também não me lembro de uma que foi tão horrível a ponto de me lembrar ainda hoje do desastre.

DA SALA AO CORREDOR

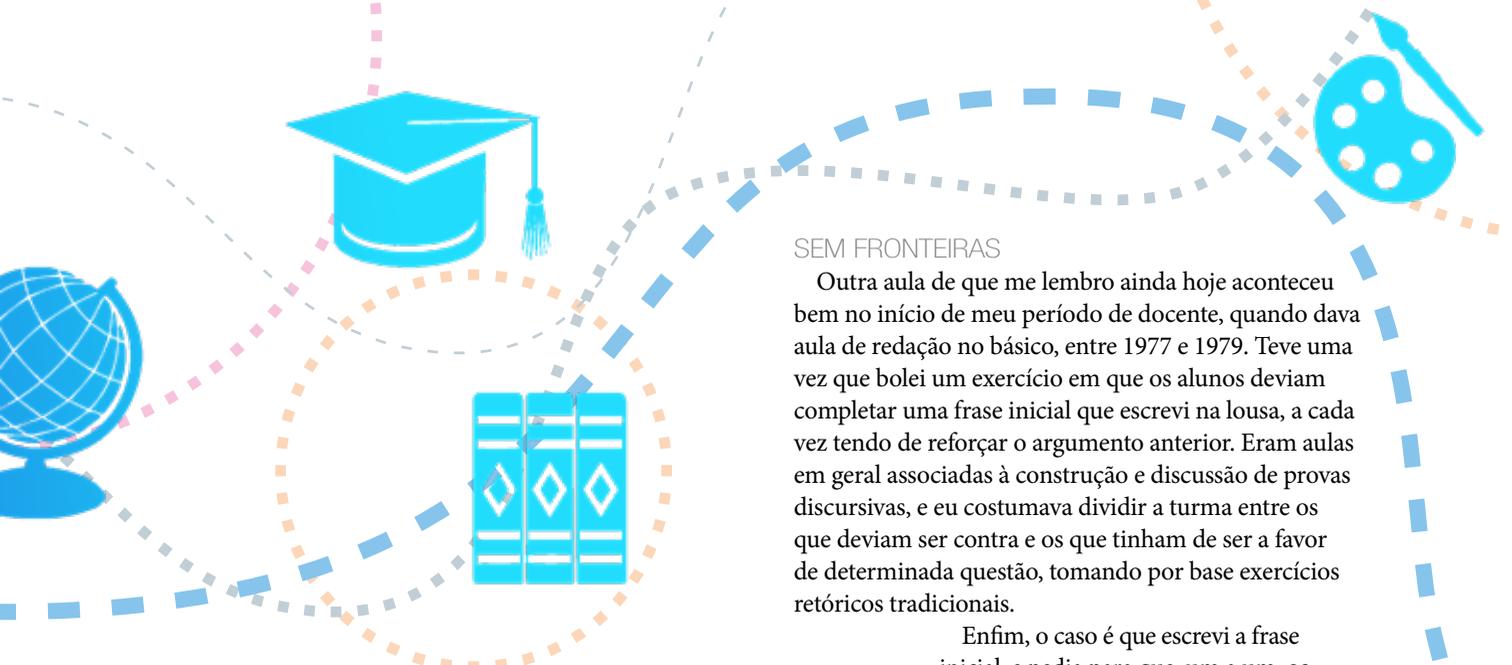
Me lembro, sim, de várias aulas interessantes, talvez mais pelas circunstâncias. Certa vez, por exemplo, os alunos estavam em greve, e um grupo do comando de greve estava impedindo que as aulas fossem dadas, com piquete, barricada na porta das salas etc. O normal, você sabe. E era um curso sobre o La Rochefoucauld, um autor aristocrático, com aforismas cortantes, terríveis, que não permitem nenhuma ilusão sobre nada.

Você sabe, ele viveu aquele momento de uma aristocracia já um pouco banida de Versalhes. O rei atuava fundamentalmente de forma a fortalecer o governo central e desqualificar as forças tradicionais concorrentes dele. Então, os aristocratas, atacados sistematicamente, perdendo antigos privilégios, fortunas, filhos e parentes nas guerras internas, enlouqueceram um pouco.

Essa geração é muito interessante, a dessa alta aristocracia que fez os levantes da chamada Fronda, e que, desalojada de suas terras, ficava ali, por Paris, fazendo barricadas, misturando-se com a canalha da cidade, participando de guerras contra o rei – que eles perderam, quase todas. Essas máximas de La Rochefoucauld são tremendas, no sentido de um desengano radical. Não é à toa que Nietzsche o lia.

Sabe o *Filosofia a Golpes de Martelo*? Para mim, é um título estritamente rochefoucauldiano. Então, o curso era sobre as máximas e havia aquele





impedimento de dar aula por parte de um grupo, mas acontece que boa parte da classe queria a aula. Acho que estava meio masoquisticamente ligada nas porradas de La Rochefoucauld.

Toda aula era um desmonte, em todos os campos: amor, casamento, família, política, carreira etc. Era anunciar o tema e lá vinha a demolição. Enfim, os alunos queriam porque queriam aula. E os que lideravam o piquete acabaram percebendo o impasse e me propuseram que desse a aula, mas não na sala de aula, e sim no corredor, e que fosse entendida não como aula, mas como atividade de greve.

Por mim, tanto fazia se me davam esse protocolo simbólico. Se me permitiam dar aula, no corredor ou não, e se havia aluno querendo assistir a ela, por mim, estava bem. Só deixei claro que não permitiria que a aula tomasse outra direção, saísse de seu assunto próprio para tornar-se instrumento de proselitismo. Eles concordaram e, afinal, correu tudo muito bem. Dei a aula no corredor. Vieram muitos alunos de outras classes e cursos, todos muito atentos e respeitosos.

Era uma aula bem normal até, mas também ficou com uma cara de *happening*: todo mundo ali, no corredor, sentado ou deitado, prestando muita atenção. E tudo com La Rochefoucauld falando as piores coisas para rapazes idealistas. Então, essa foi uma aula de que me lembro bem, porque foi engraçado dar aula no corredor e, também, pela força da exigência inesperada dos alunos que queriam aulas.

SEM FRONTEIRAS

Outra aula de que me lembro ainda hoje aconteceu bem no início de meu período de docente, quando dava aula de redação no básico, entre 1977 e 1979. Teve uma vez que bolei um exercício em que os alunos deviam completar uma frase inicial que escrevi na lousa, a cada vez tendo de reforçar o argumento anterior. Eram aulas em geral associadas à construção e discussão de provas discursivas, e eu costumava dividir a turma entre os que deviam ser contra e os que tinham de ser a favor de determinada questão, tomando por base exercícios retóricos tradicionais.

Enfim, o caso é que escrevi a frase inicial, e pedia para que, um a um, os alunos fossem à lousa, pegassem o giz e tentassem desenvolvê-la, numa ou noutra direção. Um aluno vinha, escrevia outra frase, vinha um outro tentando reforçar ou contradizer o que o outro tinha escrito, e assim por diante. Aí, foram escrevendo e, num determinado momento, a frase já tinha tomado toda a lousa, e eles continuaram a escrever fora dela.

E, assim, a frase foi atravessando aquela sala imensa do básico, em forma de auditório.

A frase foi subindo em direção à porta, acabou saindo da sala e começou a rodar pelo lado de fora do prédio do básico.

A ideia não foi minha, não pensei que aquilo poderia tomar aquela forma, mas

eu também comecei a me divertir com aquilo e deixei rolar. Fomos todos para fora da sala, acompanhar até onde ia aquele serpenteio da frase em torno do prédio. A certa altura, deu o sinal de fim de aula e eu, claro, dei a aula por encerrada.

Nem sei se o pessoal continuou escrevendo; talvez tenha continuado, mas eu fui embora. Vejam, foi uma aula interessante, mas o que me fez lembrar dela, até hoje, não foi o que eu fiz, mas o que a classe fez. Acho que um pouco como no outro caso. Curioso: percebo agora que, nos dois casos que me vieram à cabeça, acabamos saindo da classe... Que sentido terá isso? Algum há de ter. ■

ALCIR PÉCORA, professor do Departamento de Teoria Literária da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); autor de *Máquina de Gêneros* (Edusp, 2001), entre outros livros.

FOI UMA AULA
INTERESSANTE,
MAS O QUE ME
FEZ LEMBRAR
DELA, ATÉ HOJE,
NÃO FOI O QUE EU
FIZ, MAS O QUE A
CLASSE FEZ



Investigação do saber

ATALIBA DE CASTILHO

Quando a gente começa a dar aulas, acaba imitando um bom professor que teve na universidade. Depois é que adquirimos voo próprio. As primeiras aulas universitárias que dei em minha carreira foram na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, que era um instituto isolado de ensino superior. Eu tinha 25 anos, estava licenciado em Letras Clássicas e Vernáculas, e tinha cursado a especialização. Então, como dava aulas em Marília?

Eu me lembrava de como fazia o professor Maurer Jr., que era um romanista muito importante da Universidade de São Paulo, posteriormente meu orientador de doutoramento. Ele preparava muito bem as aulas. Ele lia o que havia de essencial sobre o assunto, e acrescentava a isso as conclusões de suas pesquisas. Sua *Gramática do Latim Vulgar* – indispensável para quem quer saber como surgiram as línguas românicas – até hoje não foi superada. Então, transmitia tudo aquilo em forma de conferência. Ou seja, você não tinha muita participação no tema. Acho mesmo que nem poderíamos ter, pois, até então, nada sabíamos sobre o assunto. E achava que era bem suficiente lecionar dessa forma.

Então, quando fui para Marília, cada aula era previamente escrita. Para isso, eu lia o que era disponível na literatura. Naquele tempo, uma boa aula era transmitir conhecimento organizado. Depois vi que não era só isso. Portanto, eu fazia as leituras, anotava e dava as aulas lendo as anotações, para não esquecer algum argumento importante. Todo ano eu refazia aquelas anotações, porque sempre lia mais coisas. E ia passando aquilo para os alunos. Depois, montava exercícios para eles fazerem, para ver se tinham entendido bem. E eles tinham de escrever também alguns textos, ao longo do curso, pesquisando temas de seu interesse. Assim foram essas minhas primeiras aulas.

Hoje, acho que devem ter sido bem chatas. Porque era um discurso, era uma conferência. E como o aluno não estava previamente preparado, pois não sabia em que textos a aula ia se basear, não tinha como fazer boas perguntas. A não ser se provocado por alguma coisa que eu dizia. Acho, hoje, que aquelas aulas não eram muito produtivas. (...)



DISTANCIAMENTO X APROXIMAÇÃO

Se considero a aula como um momento importante de formação do estudante? Desde que você associe essa aula a algum trabalho que ele venha a fazer, sim. Ou seja, ele deve ser informado sobre o que se sabe, e motivado a descobrir o que não se sabe. Ele deve ser o linguista dele mesmo. Ou, como eu escrevi naquela gramática [Nova Gramática do Português Brasileiro, Editora Contexto, 2010], que ele seja o gramático dele mesmo.

Acho que a aula só é importante se ela tiver esse – não é nem apêndice – outro momento, em que o professor fala o que se sabe, fala o que não se sabe e o aluno vai atrás do que não se sabe. E não se sabem muitas coisas, ainda. Quanto mais você lê, mais você se dá conta das limitações da ciência. Então, é hora de envolver o aluno nisso. (...)

Daquele momento em diante, seu aluno não é um mero ouvinte, que fica lá naquele tédio, ouvindo respostas a perguntas que não formulou. Não estou dizendo que o aluno deve falar na aula de um modo descontrolado. Também não é assim, uma falação por falar. Isso, não. Porque há muita demagogia nessa história de pôr os alunos para falar, sem orientar.

O professor é o líder naquela sala, ele estudou, se preparou. Ele não pode abrir mão disso apenas para se fazer mais simpático para os alunos. Ele tem um dever, ele tem uma obrigação. Ele deve cumprir essa obrigação envolvendo o aluno, nunca o afastando. Porque antigamente havia professores muito estranhos. Tive uns aqui na USP muito estranhos.



ACHO QUE A AULA SÓ É
IMPORTANTE SE ELA TIVER ESSE
OUTRO MOMENTO, EM QUE O
PROFESSOR FALA O QUE SE SABE,
FALA O QUE NÃO SE SABE E
O ALUNO VAI ATRÁS
DO QUE NÃO SE SABE

Eu me lembro de um que, uma vez, um aluno lhe fez uma pergunta e ele não sabia a resposta. Visivelmente, ele não sabia. Ele podia dizer, com franqueza: “Olha, não sou uma enciclopédia, não sei tudo. Mas vou estudar e lhe falo. Aliás, se quiser estudar comigo, vamos ler sobre esse assunto”. Mas não. Sabe o que ele falou? Falou assim: “Quem é você?” E era um rapaz muito estudioso. “Sou seu aluno, matriculado nesta disciplina.” “Não é, não. Nunca vi você aqui. Fora! E quando você voltar, traga um documento da secretaria dizendo que, sim, você é meu aluno.” Olha que solução burocrática que esse tantá deu! Aquilo me marcou muito.

Aí, esse aluno – que, depois, virou um professor de Filosofia, dos melhores, pois era muito inteligente – veio com o atestado. “Tudo bem. Então, você é meu aluno. Mas está proibido de assistir às minhas aulas. No fim do ano” – os cursos eram anuais – “você faz a prova e procure verificar o que eu dei. E você faz a prova. E assim vai ser.” E ele reprovava sistematicamente o cara. Todos os anos o diretor tinha de nomear uma banca especial. Já pensou, que desperdício de oportunidade?

QUESTIONAR E SE QUESTIONAR

Dando aulas, me ocorria ficar insatisfeito com o que ensinava. Pensava comigo mesmo: “não é bem assim”. Perguntava, então, aos alunos: “O que vocês acharam dessa explicação?” “Eu não sei, professor, parece que está confusa.” É bastante óbvio que pesquisas surgem de más respostas. (...)

Se eu enfrentava muita apatia dos estudantes? Claro! Vou lhe dar uma resposta e você vai achar que é pura demagogia, mas não é. Quando tinha aluno assim, muito distraído, muito aborrecido, eu dizia assim: “Mas a minha aula está chata pra caramba. Não envolveu a todos. Aquele lá está quietinho”. Aí, eu fazia uma pergunta para ele.

Agora, conforme vai passando o tempo, você vê uma coisa nas salas: você fala uma coisa e muitos olhos brilham. Você tocou num ponto importante da inteligência daqueles alunos, os olhos deles brilham. Eu queria muito que todo mundo brilhasse o olho na aula, sabe?

Mas tinha aqueles que, realmente, não gostavam de linguística – nem tinham de gostar. Mais recentemente, impliquei com um aluno que passava a aula mexendo no celular. Eu achava que aquilo era desrespeito, não apenas falta de interesse. Perguntei por que o aluno só dava atenção ao celular. Olhe a resposta: “Não. O senhor está falando de uma coisa, eu estou procurando aqui”. Está tudo na internet, está tudo no ar. Aprendi mais uma, naquele dia. Afinal, o conhecimento não tem fim, e ninguém é seu porta-voz. ■

ATALIBA DE CASTILHO, ex-professor de Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista (Unesp-Marília), do Departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e de Filologia e Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo (USP); autor de *Nova Gramática do Português Brasileiro* (Contexto, 2010), entre outros livros.

Espaços democráticos

ESPECIALISTA EM INVESTIMENTO SOCIAL
PRIVADO CONVOCA A PARTICIPAÇÃO
DE EMPRESAS E PESSOAS PARA O
ENFRENTAMENTO DE DESIGUALDADES E
O EXERCÍCIO DA CIDADANIA

Bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo e mestre em Administração Pública pela Universidade Harvard, José Marcelo Zacchi foi, ainda na faculdade, nos anos 1990, um dos criadores da campanha Sou da Paz, pelo desarmamento no país. Desde então, participou de gestões públicas, organizações internacionais e até mesmo de programas de televisão para discutir o papel de cidadãos, empresas e governantes na educação, saúde, cultura, enfrentamento de desigualdades e tantas outras esferas da vida em sociedade. Secretário-geral do Gife (Grupo de Institutos, Fundações e Empresas), organização sem fins lucrativos que se tornou referência no país em investimento social privado, Zacchi acredita no pensamento de que todos têm um papel a desempenhar na sociedade e no exercício da democracia. “Todo chamado da responsabilidade social passa por práticas internas de sustentabilidade e sociais adequadas, e passa pela ideia de investimento social para que todos façam sua parte e somem recursos para contribuir com a vida cidadã e a vida pública”, explica.

JOSÉ MARCELO ZACCHI

esteve presente na reunião do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 14 de fevereiro de 2020.

DIFUSÃO CULTURAL

Gosto de dialogar com temas diversos da vida pública. Primeiro, estive envolvido na criação de um site, depois de um instituto, que se chama Overmundo. Foi uma iniciativa pioneira em 2005, quando nascia a autopublicação na internet. Era um site de difusão de produção cultural brasileira. Uma oportunidade para expandir o campo de visão de quem está produzindo pelo Brasil afora e disseminar essa produção para todo o mundo. Então, era um site de produção colaborativa de conteúdo, mas também um esforço para chamar atenção para possibilidades novas de democratização dos modos de produção de informação na sociedade que a internet trazia.

TERCEIRO SETOR

Nestes últimos anos, também estive dedicado à criação deste espaço que se chama Pacto pela Democracia, que hoje reúne mais de 150 organizações da sociedade civil variadas – educação, meio ambiente, saúde, direitos humanos, reforma política, entre outras áreas. O espírito é: pode e deve haver essa pluralidade, porque isso nos enriquece. Uma coisa que tenho feito com frequência é relembrar o princípio fundamental da vida democrática, que é um espaço em que várias vozes, atores, pensamentos e pontos de vista podem se colocar com liberdade e pluralidade. É um espaço que será mais rico e produzirá um resultado melhor, no fim das contas, do que se eu estiver sozinho dando todas as cartas e silenciando todos os demais. Vamos somar elementos. Tanto da soma quanto da fricção de pontos de vista diferentes, tudo isso nos leva para a frente.

VIDA DEMOCRÁTICA

Houve a colocação de que o Gife seria a ONG das ONGs. O Gife está completando 25 anos em 2020 e ele foi criado como espaço para impulsionar a prática de filantropia e de investimento social privado no país. Entendendo a prática de organizações e de atores na sociedade, não só de empresas e de organizações, mas de indivíduos: cada um de nós com o hábito de doar para causas e organizações em que acreditamos na vida cidadã. A ideia que em inglês chamam de *give back*, ou seja, a ideia de devolução, de que ninguém se faz sozinho ou sozinha na coletividade. Todos nós nos nutrimos da educação, da infraestrutura, enfim, de tudo que a sociedade produz, e isso cria condições para que possamos desenvolver, na plenitude, nossas possibilidades.

FAÇA SUA PARTE

Além do pluralismo que nos enriquece, o papel da sociedade na democracia não é só fazer o que o Estado não faz, a primeira camada da vida comunitária, ou a solidariedade para quem está precisando e que é fundamental. Não é só isso. É nutrir a vida pública e fazer parte das leis, das políticas governamentais, do acompanhamento delas para que possam acontecer. Precisamos prestar atenção em nossas práticas diárias, relações de trabalho, em como lidamos com nosso lixo, com o consumo de energia, com a participação na vida coletiva. Estou atento à escola dos meus filhos? Ao meu bairro? O mesmo vale para as empresas: Qual o impacto das práticas trabalhistas, da cadeia de fornecedores e consumidores?

Quais as práticas ambientais? Até aqui, estou me abstendo de impactos negativos e fazendo tudo certo, mas não estou propriamente dando uma contribuição para a sociedade. De todos nós, se espera que nos abstenhamos de impactos negativos e que também façamos nossa parte.

POR TODOS

Quando a ideia de investimento social foi criada, ela tinha esta intenção: precisamos pensar no aporte desse recurso para o bem público, da mesma forma que a gente pensa o aporte de um recurso no investimento privado que a gente faz. Quero que o investimento tenha o máximo de resultado e o melhor retorno possível, quero que aquilo tenha sucesso. Vale a mesma coisa para o investimento social: Como se planeja essa ação? Você quer mudar o ambiente de consumo? Quer contribuir para que haja políticas e serviços de educação melhores no país? Muito bem, qual é

exatamente o problema? Onde você vai atuar, num bairro, cidade, país; qual o diagnóstico e com base nele, qual vai ser sua estratégia; como vai ser sua ação; e como você avaliará depois de um tempo se a ação está dando certo. Então, todo chamado da responsabilidade social passa por práticas internas de sustentabilidade e sociais adequadas, e passa pela ideia de investimento social para que todos façam sua parte e somem recursos para contribuir com a vida cidadã e a vida pública. ■

TANTO DA
SOMA QUANTO
DA FRICÇÃO
DE PONTOS
DE VISTA
DIFERENTES,
TUDO ISSO
NOS LEVA
PARA A FRENTE



Assista ao vídeo deste Encontro.

ONDAS SONORAS

A RADIALISTA E PESQUISADORA DA MÚSICA BRASILEIRA FALA
DO VALOR HISTÓRICO DAS CANÇÕES E ANALISA A ASCENSÃO DO PODCAST
COMO FORMA DE EXPRESSÃO DEMOCRÁTICA E LIVRE

Jornalista, pesquisadora, radialista e, há mais de 30 anos, dedicada à música brasileira em suas variações de gênero, ritmos e mídias, Patrícia Palumbo está no rádio, na TV, no jornalismo impresso e online. Com a *Rádio Vozes*, plataforma que respira música, o contato com o público é ainda mais direto. Em seu livro *Vozes do Brasil: Entrevistas Reunidas* (Edições Sesc São Paulo, 2ª edição revista e ampliada, 2019), é possível acompanhar entrevistas com importantes nomes da música, encontros estendidos como ondas sonoras. Para a jornalista, a maior recompensa desse tipo de reunião é ter do artista “o reconhecimento, o respeito pelo seu trabalho, como temos pelo trabalho dele”.

PARA ENTREVISTAR

Acompanhar a carreira de um artista é fundamental para ter um olhar mais apurado sobre sua obra. O vínculo é profissional, as informações estão todas disponíveis, interpretá-las é o desafio. Para o livro [*Vozes do Brasil: Entrevistas Reunidas, Edições Sesc, São Paulo*] e mesmo para as entrevistas no rádio, uso minha experiência de escuta e leitura de mais de 30 anos dedicados à música. E uma boa entrevista é antes de tudo uma boa conversa. Sabemos que é muito mais interessante trocar ideias com quem pensa sobre o assunto, conhece o tema e traz informações e referências pertinentes. Encontrar muitas vezes com o mesmo artista e ter dele o reconhecimento, o respeito pelo seu trabalho, como temos pelo trabalho dele, é a maior recompensa.

DOCUMENTÁRIO MUSICAL

Adoro e consumo muitos documentários musicais. Fui jurada de uma edição do festival *In-edit* [*Festival Internacional do Documentário Musical*] e vi alguns filmes muito bons. Já produzi um documentário sobre o livro *Vozes do Brasil* [*em 2002*] com Luiz Melodia, Itamar Assumpção, quase todos os entrevistados do primeiro livro. Eu gosto de imagens de arquivo, de ver e ouvir o próprio autor, intérprete e compositor falando sobre sua obra em diversos momentos da vida, gosto de ver shows e prefiro os que ousam um pouco na linguagem, no formato. O documentário sobre Dominginhos produzido em parceria com Mariana Aydar é lindo [*Dominginhos, 2014*]; o de Marcelo Machado sobre a Tropicália [*Tropicália, 2012*] também.

CAPÍTULOS DE UMA HISTÓRIA

Toda música ajuda a contar a história do mundo, da civilização. Nossas canções são registros do tempo em que foram criadas. Um compositor é uma antena, um cronista, um agregador. E não falo só de estética, falo também de crônicas do cotidiano. O amor cantado nos anos 1950 é muito diferente do amor nos anos 2000. Uma canção de Chico Buarque escrita durante a ditadura militar fala dos desafios daquela época. Uma canção hoje feita por Filipe Catto e Johnny Hooker fala dos desafios da geração LGBT, e assim por diante.

NA ERA DO PODCAST

O podcast é muito popular nos Estados Unidos. Há novelas, séries, rodas de conversa... Enfim, muita variedade. Na Europa, a rádio ainda é muito valorizada no formato tradicional, ao vivo, e não sob demanda. Aqui, o podcast vive uma fase de descobrimento e em algumas iniciativas o que se vê é uma apropriação do nome e não do conceito. Algumas emissoras transformam seus programas de rádio para esse formato e o que tem mais a cara do podcast mesmo são os que já nascem nessa plataforma digital. Gosto da ideia do podcast como ferramenta de expressão democrática e livre. Você faz de casa, se tiver mais recursos, faz num estúdio, mas o princípio me lembra muito o cinema novo: só que no lugar da câmera vai o microfone e uma ideia na cabeça.

SOB DEMANDA

Na minha plataforma, a Rádio Vozes, temos os dois formatos – ao vivo e sob demanda. Um bom exemplo é o programa de histórias para crianças do *Capitão Moish*. Um programa totalmente dedicado às histórias infantis. As narrações são feitas ora pelo capitão Moish, ora pela avó Ana. As histórias são oferecidas como programa de rádio especial para crianças e o apresentador faz um podcast para os pais com conversas e debates com escritores, professores, psicólogos. É muito bacana e sob demanda. Acho que esse é o comportamento do ouvinte hoje. Ele quer escolher o que ouvir. Sou uma entusiasta da palavra, da voz. Por isso consumo e apoio todas essas iniciativas. ■

TODA MÚSICA AJUDA
A CONTAR A HISTÓRIA
DO MUNDO, DA
CIVILIZAÇÃO



Confira um trecho
do livro *Vozes do
Brasil: entrevistas
reunidas*.



DISTÂNCIAS



Eu sempre sabia quando ela chegava, não porque ela tivesse horários fixos, mas pelo barulho dos sapatos. Os saltos dos sapatos eram um latejar lento e contínuo a percorrer degraus, lances de escada, a escada que se estendia em estreitas curvas pelo interior do prédio. Enquanto isso, sentado à mesa da cozinha, eu esperava, os passos que se aproximavam, o momento exato para abrir a porta, quando o ruído se espalhasse, quando a sua presença do outro lado. Abrir a porta e encará-la, somente alguns instantes, depois pedir-lhe que entrasse, que sentasse ali comigo, um café, um copo d'água, me falasse qualquer coisa sobre o tempo, ou sobre o dia, ou sobre a hora, ou então pedir-lhe que entrasse, que entrasse e simplesmente ficasse ali, sem dizer nada, nós dois em silêncio olhando pela janela, lá fora, o vento e a paisagem e o barulho das árvores, em câmara lenta, nós dois como diante de um filme, ou de um aquário. Mas os passos se aproximavam e voltavam a se distanciar, o meu olho encaixado no olho-mágico, minha mão envolvendo a maçaneta da porta que eu nunca chegava a abrir.

Naquela época eu raramente pensava nela. Naquela época os meus pensamentos enroscavam-se nas horas feito algas ou feito espirais.

Um dia ela se mudou para o outro lado da cidade. No mesmo instante, o outro lado da cidade distendendo-se, afastando-se,

até tornar-se o lugar mais improvável, o lugar mais distante. No início eu ainda ouvia seus passos nos passos de cada um que chegava, no início ainda havia a porta e a janela e o aquário. Depois os ruídos cada vez mais leves, depois cada vez mais suaves, até que um dia desapareceram, os dias atrás da porta, o café, o copo d'água, e eu me acostumei a não mais esperá-la chegar.

Eu raramente pensava nela. Durante um ano. Naquele ano eu pensei em outras coisas, naquele ano tudo continuou igual.

Talvez houvesse se passado muito mais tempo até que um dia nos encontramos por acaso. Cumprimentei-a com um aceno escondido, reservado, talvez esperando que ela não me visse, não me reconhecesse, talvez que ela fosse embora, preocupada, correndo, imaginando ter esquecido qualquer coisa no forno, na geladeira, no varal. Ela se aproximou, me viu, me reconheceu, mas algo havia mudado, olhei-a com atenção, os olhos, o nariz, a boca, o cabelo, mas o que eu notava eram seus sapatos, seus sapatos que agora não tinham salto, os passos que agora eram leves, como se o chão inteiro fosse de borracha. Ela se aproximou como se nunca houvesse ido embora, eu sorri como se todo aquele tempo a houvesse estado esperando. Ela disse que tanto tempo, eu respondi que por aí. Ela disse que de vez em quando, eu respondi que talvez, que sempre, que sim.



Passamos a nos encontrar, talvez uma, duas vezes. Eu ligava como que por acaso, ela inventava desculpas para atender, eu esquecia o número do prédio num caderno antigo, ela perdia as chaves entre as almofadas do sofá. Ela nunca estava pronta, eu tocava a campainha, ela, a sua voz ampliada pelo interfone, que a rua, que o vento, que o dia, que a hora, eu colava o interfone ao ouvido, ela não dizia nada, ela descia as escadas correndo, eu nunca desligava. Pelas ruas, caminhávamos feito dois desconhecidos, surpresos, desconcertados, sem saber o que dizer. Tropeçávamos nas calçadas, trocávamos os nossos nomes, pedíamos água e café sem açúcar nos terraços dos cafés. Ela me oferecia balas de gengibre, eu lhe oferecia tabaco sem filtro que ela nunca aceitava. Eu fumava e ela parecia sumir por trás da fumaça. Eu gostava quando ela quase desaparecia e o seu rosto tornava-se difuso e inquieto. E era como se ela sorrisse.

E passavam-se horas enquanto o tempo passava. E dormíamos juntos na mesma cidade. E nunca nos

tocávamos. E desviávamos o olhar. E nunca nos despedíamos. E nossas mãos se perdiam nas esquinas, entre os postes, entre a multidão.

Ela me escrevia cartas que nunca mandava.
 Eu inventava promessas que nunca fazia.
 Ela marcava encontros em lugares inexistentes.
 Eu confundia os nomes de ruas conhecidas.
 Eu ia embora todas as tardes. Ela nunca voltava.
 E durante o caminho, nos meus passos, na calçada, havia sempre uma mesma rotina, um mesmo itinerário. ■

CAROLA SAAVEDRA é autora dos romances *Toda Terça* (2007); *Flores Azuis* (2008) – eleito melhor romance pela Associação Paulista dos Críticos de Arte e finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti –, *Paisagem com Dromedário* (2010) – Prêmio Rachel de Queiroz na categoria jovem autor e, finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti) – e *Com Armas Sonolentas* (2018) – finalista do Prêmio São Paulo. Todos publicados pela Companhia das Letras.

EM CARTAZ

GUIA DE PROGRAMAÇÃO
DO SESC EM SÃO PAULO

ABRIL 2020



Interdependence Concepção: Adeline von Fürstenberg. Frame de *Tuã Injúguu (Olhos d'Água)* Direção: Daniela Thomas | Acervo Art for The World

O Sesc na internet desdobra e amplia a sua atuação presencial. No portal, nas redes sociais e plataformas de streaming, os mais diversos públicos podem aprofundar suas vivências e fruir a experiência e os conhecimentos construídos pelo Sesc, por meio de conteúdo editorial exclusivo e produzido especialmente para o digital, como transmissões ao vivo, webséries, podcasts, ensaios e artigos assinados.

Neste momento em que somos todos convocados ao recolhimento ao ambiente doméstico, em prevenção à disseminação do coronavírus, o Sesc faz um convite: acompanhe a programação disponível no ambiente digital. Trazemos como sugestão, nesta edição de abril, a programação do SescTV – canal criado e mantido pelo Sesc e disponível para todo o Brasil – com as estreias para o mês de abril e também os destaques disponíveis *on demand*, para assistir na televisão, nos tablets e celulares, a qualquer momento. São documentários, espetáculos de música e de dança, entrevistas e debates sobre os mais variados temas da cultura. Para descobrir, aprender e apreciar sem precisar sair de casa. Acesse sesc.tv.org.br.

ONLINE

ENQUANTO AS UNIDADES ESTIVEREM TEMPORARIAMENTE FECHADAS, SEGUIMOS JUNTOS NA INTERNET! APROVEITE PARA EXPLORAR AS LEITURAS, SELEÇÕES MUSICAIS, RECEITAS E DOCUMENTÁRIOS NO PORTAL E REDES SOCIAIS DO SESC.

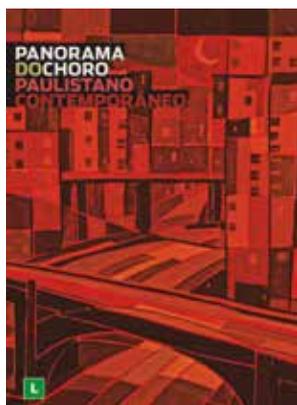


SABOR SEM DESPERDÍCIO

sescsp.org.br/playlistreceitas

Comer uma comida nutritiva e gostosa é um cuidado importante para a saúde e também aquece o coração. E agora que as alternativas para se alimentar estão mais dentro de casa do que na rua, por que não testar novos pratos?

Se liga então na série de vídeos Sabor sem Desperdício, do Mesa Brasil. São receitas que, além de saborosas, aproveitam o alimento por inteiro: da semente à casca!



PANORAMA DO CHORO

sescsp.org.br/panoramadochoro

Fadado ao insucesso futuro proclamado por Jacob do Bandolim em 1953, o choro pode até agonizar, mas não morre. O primeiro fruto sonoro da nossa urbanidade perdeu lugar de destaque nas rádios no início do século XX, mas sobrevive nos quintais, nos bares, nos bairros, em todos os cantos do Brasil. Muitos dos responsáveis por essa sobrevivência estão contemplados no DVD Panorama do Choro Paulistano Contemporâneo, novo lançamento audiovisual do Selo Sesc. Saiba mais sobre o projeto e assista ao trailer diretamente no Portal.



LAVA OUTRA, LAVA UMA...

sescsp.org.br/lavaoutralavauma

Duas medidas são essenciais para conter a disseminação do coronavírus: ficar em casa e lavar sempre as mãos. As crianças do Curumim fizeram um vídeo ensinando como lavar as mãos bem direitinho e se proteger.



ERA UMA VEZ...

sescsp.org.br/eraumavez

Quantas histórias que surpreendem, encantam e teletransportam começam com essa frase?

O #ConteUmConto é uma série de vídeos com contadores e mediadores de histórias, recitando versos pra você escutar, sentir e compartilhar com a família, de onde estiver.



PARA OUVIR E BRINCAR JUNTO

sescsp.org.br/ouvierebrincar

Agora que muitas crianças e adultos estão tendo a oportunidade (antes tão rara!) de reaprender a conviver juntos em casa, o poeta e educador Severino Antônio empresta sua sabedoria na arte da escuta para que a gente possa exercitá-la com os pequenos. Para a trilha sonora da brincadeira, trazemos a playlist do Selo Sesc “Música para crianças”.



BOCA DO AMAZONAS

sescsp.org.br/bocadoamazonas

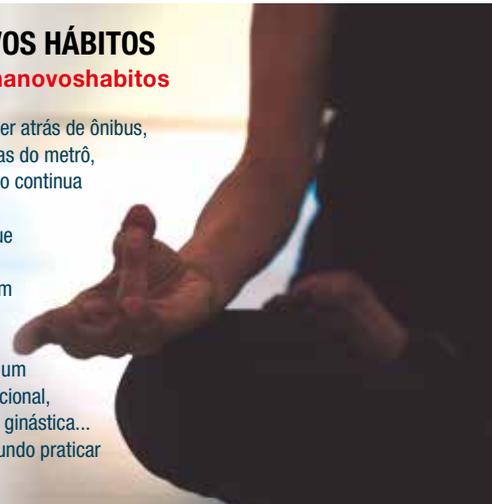
Ao se debruçar sobre o Ciclo do Extremo Norte – dez romances do escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909-1979), Willi Bolle resalta seus aspectos fundamentais: o cotidiano periférico da sociedade amazônica, a defesa pela educação, a oralidade dos habitantes, além da dimensão cultural relacionada à preservação da floresta e ao respeito pela pluralidade étnica. Conheça mais detalhes da obra no site.

NOVA ROTINA, NOVOS HÁBITOS

sescsp.org.br/novarotinanovoshabitos

Paramos de circular, correr atrás de ônibus, fazer ginástica, subir escadas do metrô, passear... Mas o nosso corpo continua o mesmo: pede movimento!

Sabendo disso melhor que ninguém, os educadores de atividade física compartilham com seus alunos e alunas maneiras de se manterem ativos e conectados – cada um de sua casa! Tem treino funcional, exercícios em família, yoga, ginástica... São atividades para todo mundo praticar dentro dos seus limites.



O TAMANHO QUE O PLANETA É

sescsp.org.br/tamanhodoplaneta

Pegar fruta do pé, brincar na terra, descobrir de onde vem a couve, provar o gosto do cambuci. O que todas essas experiências têm a nos ensinar, para além do que se vê nos livros ou nos quadros negros da escola?

O documentário 'O tamanho que o planeta é' crava os pés na terra para traçar, entre as trilhas da mata e da cidade, reflexões sobre educação, infância e natureza. Assista ao documentário, também disponível com recursos de audiodescrição, libras e legendas.



/SESCSP



Divulgação

CINEMA
Guigo Offline
9 a 14/4.

sesc.tv.org.br

sescsp.org.br/faleconosco [t](#) [w](#) [i](#) [n](#) [s](#) /sesc.tv

▶ **Programas disponíveis on demand no site do SescTV**

▶ **ENVELHECER.** Série de 13 episódios que propõe uma reflexão sobre o processo de envelhecimento no século XXI. Direção: Claudia Erthal e Paulo Markun. Livres. Estreia on demand em 29/4.

▶ **PAULO FREIRE, UM HOMEM DO MUNDO.** Série documental em cinco episódios sobre vida e obra do pedagogo e intelectual brasileiro, referência mundial na educação. Direção: Cristiano Burlan. Quartas, 20h. Horários alternativos: sextas, 18h; sábados, 7h e 19h; domingos, 10h e 23h; terças, 16h. **A Formação do Pensamento.** Livre. 1/4. **As 40 Horas de Angicos.** Livre. 8/4. **O Exílio.** 10 anos. 15/4. **Do Pátio do Colégio à Pedagogia do Oprimido.** Livre. 22/4. **O Mundo Não É, Está Sendo.** Livre. 29/4.

CINEMA. Guigo Offline. Durante uma viagem, enquanto Guigo se esforça em achar sinal de celular para falar com sua namorada, seu pai, Roberto, tenta fazer uma importante revelação. Direção: René Guerra. Livre. 9/4. Quinta, 19h. Horários alternativos: 10/4. Sexta, 14h. 12/4. Domingo, 14h30. 13/4. Segunda, 13h. 14/4. Terça, 7h e 12h30.

MÚSICA. Grandes nomes da música em shows exclusivos, gravados nas unidades do Sesc. Livre. Quartas, 22h. Horários alternativos: quintas, 2h; domingos, 3h e 18h; segundas, 0h. **Georgia Anne Muldrow.** 22/4. **Marc Ribot y Los Cubanos Postizos.** 29/4.

PASSAGEM DE SOM. Making of documental com músicos que participam do Instrumental Sesc

Brasil, revelando seu processo criativo, a escolha de repertório, parcerias e formações de bandas. Direção geral: Max Alvim. Livre. Domingos, 21h. Horários alternativos: segundas, 16h30; terças, 9h30; quartas, 11h; quintas, 13h; sábados, 14h. **Big Chico.** 5/4. **Fios de Choro.** 12/4. **Vruumm.** 19/4. **Ecletnia.** 26/4.

INSTRUMENTAL SESC BRASIL. Destaques da música instrumental brasileira e estrangeira, em shows exclusivos. Direção geral: Max Alvim. Livre. Domingos, 21h30. Horários alternativos: segundas, 17h; terças, 10h; quartas 11h30; quintas 13h30; sábados, 14h30. **Big Chico.** 5/4. **Fios de Choro.** 12/4. **Vruumm.** 19/4. **Ecletnia.** 26/4.

TERRITÓRIOS INDÍGENAS. Programação que contempla diferentes etnias indígenas em diversas regiões do país, por meio de filmes recentes e premiados. **O Corpo e os Espíritos.** Direção: Mari Corrêa. Livre. 3/4, 23h. Índios no Poder. Direção: Rodrigo Arajeju. 12 anos. 3/4, 23h55. **Yaõkwa.** Direção: Fausto Campoli e Vicent Carelli. 10 anos.

4/4, 22h. **Kene Yuxi, As Voltas do Kene.** Direção: Zezinho Yube. Livre. 10/4, 23h. **Quentura.** Direção: Mari Corrêa. Livre. 10/4, 23h50. **A Nação que Não Esperou por Deus.** Direção: Lúcia Murat e Rodrigo Hinrichsen. Livre. 11/4, 22h. **As Hiper Mulheres.** Direção: Carlos Fausto, Leonardo Sette e Takumã Kuikuro. 10 anos. 17/4, 23h. **Hotuá.** Direção: Leticia Sabatella e Gringo Cardia. Livre. 18/4, 22h. **Para Onde Foram as Andorinhas?** Direção: Mari Corrêa. Livre. 18/4, 23h13. **Baré – Povo do Rio.** Direção: Tatiana Toffoli. Livre. 24/4, 23h. **Diriti de Bdê Buré.** Direção: Silvana Beline. Livre. 25/4, 0h05. **A'utê A'uwê Uptabá: Ser Criança A'uwê.** Direção: Cristina Flória e Wagner Pinto. Livre. 25/4, 22h. **Yuxiã.** Direção: Nawa Siã e Siã Inubake. Livre. 25/4, 22h43.

+ **CURTAS.** Filmes de curta duração, documentais e ficcionais, produzidos no Brasil e no exterior. Quintas, 22h. **Meninos e Reis.** Livre. **Aluga-se.** Livre. 2/4. **Yuxiã.** Livre. 9/4. **Próxima.** Livre. **Shokogun.** 12 anos. 16/4. **Que Som Tem a Distância?** Livre. **Palhaças do Mundo – Michelle Silveira.** Livre. 23/4. **Palhaças do**



Divulgação

TERRITÓRIOS INDÍGENAS

Yaókwa.
4/4.

Mundo - Gabriela Muñoz. Livre. **Com a Mosca Azul.** 10 anos. 30/4.

► **A CIDADE NO BRASIL.** Inspirada no livro *A Cidade no Brasil*, de Antonio Risério, a série explora os aspectos históricos e culturais do fenômeno urbano no país, até os dias atuais. Direção: Isa Grinspum Ferraz. Livre. Quintas, 21h. **A Cidade Africana.** 2/4. **Cidade de Vidas Embaralhadas.** 9/4. **Sertão, Cidade, Segregação.** 16/4. **Cidade Natural ou o Desperdício.** 23/4. **O Brasil Nasceu Urbano.** 30/4.

► **ARQUITETURAS.** O pensamento arquitetônico, as relações entre o ser humano e os espaços de convivência nas cidades, e suas implicações no mundo contemporâneo. Direção: Paulo Markun e Sergio Roizenblit. Livre. Sábados, 20h. Horários alternativos: domingos, 12h; segundas, 10h; terças, 14h; quartas, 15h; quintas, 3h. **Mercado Central de Belo Horizonte MG.** 4/4. **Arcos da Lapa.** 11/4. **Conjunto Nacional SP.** 18/4. **Palmas.** 25/4.

► **ARTES VISUAIS.** O processo de criação artística sob o ponto de vista

de seus próprios autores. Direção: Cacá Vicalvi. Livre. Terças, 19h. Horários alternativos: sextas, 9h; sábados, 6h; domingos, 6h30. **Cia. da Foto.** 7/4. **O Grivo.** 14/4. **Carlos Nunes.** 21/4. **Pedro Motta.** 28/4.

► **COLEÇÕES.** Série documental que aborda aspectos da cultura regional brasileira. Direção Geral: Belisario Franca. Quintas, 21h30. Horários alternativos: sextas, 15h30; sábados, 6h30 e 13h30; domingos, 16h; quartas, 6h. **Rotas: Rota dos Tropeiros.** Livre. 2/4. **Rota do Café.** Livre. 9/4. **Ciclos da Terra: Caju.** Livre. 16/4. **Laranja.** Livre. 23/4. **Tomate.** 10 anos. 30/4.

► **CONTRAPLANO.** Debates sobre a relação entre cinema, cultura, poder, sociedade e comportamento. Direção: Luiz R. Cabral. Mediação: Miguel de Almeida. Sextas, 22h. Horários alternativos: sábados, 4h; domingos, 0h; segundas, 1h. **Quem Tem Medo da Pornochanchada?** 16 anos. 3/4. **Crônicas Urbanas.** 12 anos. 10/4. **Drogas.** 16 anos. 17/4. **Censura.** 16 anos. 24/4.

► **DANÇA CONTEMPORÂNEA.** Produções que abordam os rumos estéticos e conceituais da dança contemporânea. Direção para TV: Antônio Carlos Rebescos. Livre. Quintas, 20h. Horários alternativos: sextas, 10h; domingos, 5h; segundas, 15h30. **Kodak - Neto Machado.** 2/4. **Alavancas e Dobradiças - Célia Gouvêa.** 9/4. **Rêverie - Morena Nascimento.** 16/4. **Pequena Coleção de Todas as Coisas - Cia. Dani Lima.** 23/4. **Onde o Oposto Faz a Curva e Solo - Patrícia Arabe.** 30/4.

► **ESTILHAÇOS.** Série documental que apresenta uma reflexão crítica sobre a ideia de ética, aplicada no cotidiano dos mais variados grupos sociais. Direção: Kiko Goifman. Livre. Sábados, 12h. Horários alternativos: domingos, 2h; segundas, 4h; terças, 2h30; quartas, 2h; sextas, 6h. **No Volante e na Faxina.** 4/4. **Na Passarela e na Prancha.** 11/4. **Mão na Massa, Mão no Lápis.** 18/4. **O Sagrado do Verniz e o Coração de Plástico.** 25/4.

► **FILOSOFIA POP.** Com apresentação de Marcia Tiburi, a série

convida pensadores contemporâneos a debater, entre si e com o público, temas que dialogam com a filosofia e a vida cotidiana. Direção: Esmir Filho. Livre. Segundas, 23h. Horários alternativos: terças, 11h; quartas, 21h; quintas, 10h; sextas, 19h30; sábados, 21h; domingos, 19h. **Sexo e Gênero.** 6/4. **Natureza.** 13/4. **Prazer e Trabalho.** 20/4. **Velhice.** 27/4.

► **HABITAR HABITAT.** Os diferentes padrões de habitação e moradia encontrados no Brasil e o retrato das relações entre os indivíduos e os espaços privados e coletivos. Direção: Paulo Markun e Sergio Roizenblit. Terças, 22h. Horários alternativos: quintas, 14h30; sextas, 12h; segundas, 9h. **Cortiço.** Livre. 7/4. **Sem Teto.** 10 anos. 14/4. **Asilos.** Livre. 21/4. **Moradia Estudantil.** Livre. 28/4.

► **MOVIMENTO VIOLÃO.** Espetáculos com virtuosos do violão instrumental, nos gêneros erudito e popular. Curadoria: Paulo Martelli. Direção para TV: Flávio N. Rodrigues. Livre. Terças, 20h. Horários alternativos: quartas, 10h; sextas, 8h e 21h; domingos, 12h30; segundas, 14h.



MÚSICA
Georgia Anne Muldrow.
22/4.

Paul Galbraith. 7/4. **Turibio Santos.** 14/4. **Afonso Celso & João Vitor de Oliveira.** 21/4. **Barbosa Lima & Orquestra Metropolitana.** 28/4.

▶ **REVOLTA DOS MALÊS.** A série de ficção composta por cinco episódios é inspirada numa das maiores rebeliões brasileiras, liderada por negros muçulmanos na Bahia, em 1835. Direção: Belisario Franca e Jeferson De. Sábados, 20h30. Horários alternativos: domingos, 15h30; segundas, 22h30; terças, 17h; quartas, 0h30; sextas, 4h e 19h. **Episódio 5.** 12 anos. 4/4. **Episódio 1.** 10 anos. 11/4. **Episódio 2.** 10 anos. 18/4. **Episódio 3.** 10 anos. 25/4.

SALA DE CINEMA. Cineastas, artistas e técnicos são convidados para falar sobre as produções e discutir linguagens e conceitos. Direção: Luiz R. Cabral. Mediação: Miguel de Almeida. Quintas, 23h. Horários alternativos: sextas, 3h; domingos, 4h. **Tizuka Yamasaki.** 14 anos. 2/4. **Beto Brant.** 14 anos. 9/4. **Eduardo Coutinho.** 12 anos. 16/4. **Orlando Senna.** 12 anos. 23/4. **Suzana Amaral.** 16 anos. 30/4.

▶ **SUPER LIBRIS.** A segunda temporada da série apresenta o universo da leitura e os caminhos da criação do livro, técnicas, estilos, adaptações literárias, influências e referências de escritores novos e consagrados. Direção: José Roberto Torero. Livre. Segundas, 21h. Horários alternativos: terças, 9h; quartas, 13h30; sextas, 9h30 e 17h30. **Não Confie em Ninguém com Mais de 40 Anos – A Jovem Literatura Brasileira.** 6/4. **Do Cortiço à (Neo) Favela.** 13/4. **Duelos Verbais – O Bang-Bang das Palavras.** 20/4. **Palavra Desenhada (Escritores Ilustradores).** 27/4.

TEMPORAL. As relações intergeracionais com experiências comuns a jovens, adultos e velhos são trazidas à cena na série. Direção: Kiko Goifman e Olívia Brenga. Terças, 23h. Horários alternativos: quintas, 5h; sextas, 1h. **A Crença no Risco.** 14 anos. 7/4. **O Canto da Biá.** 10 anos. 14/4. **Sorte e Estratégia.** 12 anos. 21/4. **A Transgressão da Musa.** 14 anos. 28/4.

sesctv.org.br

PROGRAMAÇÃO ON DEMAND

O SescTV mantém permanentemente na internet uma programação variada e gratuita para acesso on demand. Shows, documentários, séries, entrevistas e debates nas áreas de teatro, música, dança, literatura, direitos humanos, meio-ambiente, cinema, artes visuais, arquitetura e ciências humanas propõem uma reflexão acerca da diversidade cultural brasileira. Para assistir a qualquer hora ou lugar, na televisão, no computador, no celular, em *tablets* ou outros dispositivos.



DEBATES&IDEIAS

FILOSOFIA POP

Série idealizada e apresentada pela filósofa e escritora Márcia Tiburi, convida pensadores, artistas e personalidades de variadas áreas a discutirem temas contemporâneos que estabelecem diálogos entre a filosofia e a vida cotidiana, como velhice, natureza, velhice e outras temáticas. Direção: Esmir Filho. Gênero: Série documental – 13 episódios de 52 minutos.



FIÇÃO HISTÓRICA

REVOLTA DOS MALÊS

Bahia, 1835. Africanos muçulmanos, trazidos da atual Nigéria e escravizados no Brasil, se rebelam contra a opressão. Acompanhe a saga da busca pela liberdade nessa história baseada em fatos reais que revela um passado pouco conhecido da História do Brasil. Direção: Belisario Franca e Jeferson De. Gênero: Ficção Histórica – 5 episódios – de 26 minutos.

MEIO-AMBIENTE

INTERDEPENDENCE

Cineastas de 11 países, de todos os continentes, refletem sobre as relações entre a sociedade humana e o ambiente natural, agravadas pelas mudanças climáticas. As produções, entre 7 e 11 minutos cada, transitam entre a ficção científica, drama, comédia e videoarte. Concepção: Adelina von Fürstenberg.

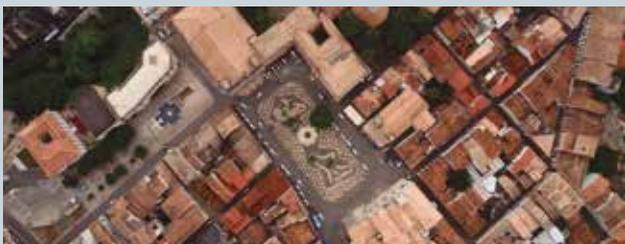


Frame do filme *Rito do Amor Selvagem*

DOCUMENTÁRIO

RITO DO AMOR SELVAGEM

Misto de dança, teatro e performance, *Rito do Amor Selvagem* estreou em novembro de 1969 no Theatro São Pedro, em São Paulo. Baseado na peça “As Nações Unidas”, escrita por José Agrippino de Paula, misturava música, história em quadrinhos e dança moderna, produzindo um resultado estético que flertava com a *pop art*, a contracultura e a ritualística afro-brasileira. O documentário, dirigido por Lucila Meirelles, resgata imagens de arquivo sobre o espetáculo teatral, com comentários de Agrippino e depoimentos de Inês Stockler, Hermano Penna, Stenio Garcia, Jorge Bodansky, Sergio Mamberti, Gerald Thomas e Tom Zé, entre outros. Direção: Lucila Meirelles – Gênero: Documentário – 41 minutos.



Gabriel Barrêla

URBANISMO

A CIDADE NO BRASIL

Inspirada no livro *A Cidade no Brasil*, de Antonio Risério, a série explora os aspectos históricos, culturais e estéticos do fenômeno urbano no país, investiga o surgimento das cidades e discute seu desenvolvimento até os dias atuais. Direção: Isa Grinspum Ferraz. Gênero: Documentário – 10 episódios de 26 minutos.

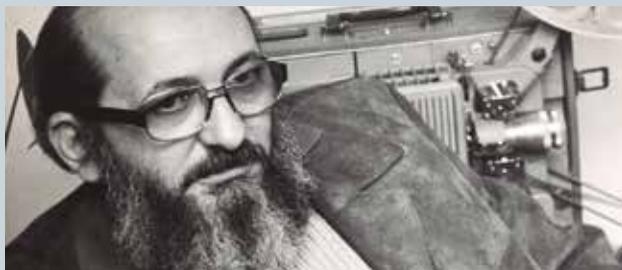


Fotos: José Roberto Torero

LITERATURA

SUPER LIBRIS

Aborda o universo da leitura e da literatura através de entrevistas com autores brasileiros e profissionais da área: os caminhos da criação do livro, técnicas e estilos literários, críticas, influências e referências de escritores novos e consagrados. Direção: José Roberto Torero. Gênero: Documentário – 79 episódios de 26 minutos.



World Council of Churches

EDUCAÇÃO

PAULO FREIRE: UM HOMEM DO MUNDO

Série documental em cinco episódios sobre o pensador brasileiro que é referência mundial na educação. Direção: Cristiano Burlan. Gênero: Documentário – 5 episódios de 52 minutos.

TEATRO

O TEATRO SEGUNDO ANTUNES FILHO

A série mergulha no universo do diretor e dramaturgo brasileiro Antunes Filho, narrando sua trajetória, suas técnicas e suas importantes colaborações no desenvolvimento do teatro brasileiro. Direção: Amílcar M. Claro. Gênero: Documentário – 6 episódios de 52 minutos.

REFLEXÕES SOBRE CINEMA

CONTRAPLANO

Convidados de diversas áreas discutem questões universais abordadas no cinema latino-americano e suas relações com a vida e o cotidiano. Em quatro eixos temáticos – poder, cultura, comportamento e sociedade – o mediador Miguel de Almeida acompanha as reflexões dos convidados Mary Del Priore, Ivana Bentes, Celso Favaretto, Geraldo Carneiro, Tadeu Chiarelli, Hugo Possolo, Reinaldo Moraes, Ugo Giorgetti, Tales Ab’Saber e Luiz Áquila. Direção: Luiz R. Cabral. Gênero: Documentário – 49 episódios de 52 minutos.



Dani Sandrini

DANÇA

DANÇA CONTEMPORÂNEA

A série reúne uma cartografia das principais companhias brasileiras, a partir de coreografias e entrevistas com diretores, coreógrafos e bailarinos, além de *making of* dos espetáculos. Direção: Antonio Carlos Rebesco. Gênero: Artes Performativas – 46 episódios de 52 minutos.

VIDEOARTE

NÓS, NEGROS

Composta por dez vídeos artísticos, a série revela aspectos do negro como indivíduo singular, apresentando uma diversidade de narrativas poéticas em que ele é o centro de cada história, com um universo subjetivo que pode estar no cotidiano, na performance, nas expressões artísticas ou no pensamento. Direção: Ana Paula Mathias. Gênero: Videoarte – 10 episódios de cerca de 3 minutos de duração.



COMO COMPRAR INGRESSOS PARA AS ATIVIDADES DO SESC?

Para os espetáculos que ocorrem nas unidades* do Sesc no Interior, consulte as informações sobre a venda de ingressos na descrição do espetáculo de interesse, no Portal Sesc SP.

Para os espetáculos que ocorrem nas unidades* da capital, Grande São Paulo e litoral, os ingressos ficam disponíveis para venda semanalmente, sempre em dois lotes:

No Portal Sesc SP: às terças-feiras, a partir das 12h, em diferentes horários.

Presencial: às quartas-feiras**, a partir das 17h30, nas bilheterias das unidades do Sesc.

Serão disponibilizados os ingressos para atividades que acontecem na semana seguinte, compreendida entre segunda-feira e domingo. Para temporadas de espetáculos, serão consideradas as datas de estreia para início das vendas de toda a temporada.

* Apenas uma porcentagem dos ingressos será destinada à venda online.
** Em caso de feriado, as vendas terão início no dia útil posterior.

Consulte a limitação de venda de ingressos por pessoa/CPF na descrição do espetáculo de interesse, no **Portal Sesc SP**.

operadora ou banco emissor e da data de fechamento/vencimento da fatura do cartão de crédito. Não haverá devolução em dinheiro.

O ingresso comprado nas bilheterias das unidades do Sesc SP não será devolvido ou trocado para outro horário, dia ou espetáculo.

CANCELAMENTO DO ESPETÁCULO PELO SESC SÃO PAULO

Em caso de cancelamento do espetáculo por parte do Sesc São Paulo, os valores dos ingressos adquiridos, tanto no **Portal Sesc SP** quanto nas bilheterias das unidades, serão devolvidos integralmente.

O valor do ingresso online, não retirado nas bilheterias, será estornado no cartão de crédito utilizado na compra. A solicitação desse estorno será feita automaticamente pelo Sesc às operadoras de cartão de crédito/banco emissor. O crédito do valor estornado poderá ocorrer na fatura seguinte ou subsequente, pois dependerá dos procedimentos de cada operadora ou banco emissor e da data de fechamento/vencimento da fatura do cartão de crédito.

O valor dos ingressos comprados nas bilheterias e dos ingressos comprados online e já retirados serão devolvidos em dinheiro. Para tanto, apresente o ingresso em até 30 dias, a contar da data de divulgação do cancelamento do espetáculo, em qualquer bilheteria das unidades do Sesc SP.

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

Consulte sempre a classificação indicativa das atividades em seu descritivo no **Portal Sesc SP**. Nas apresentações proibidas para menores de 18 anos, não será permitida a entrada de menores de 18 anos, mesmo que acompanhado de pais ou responsáveis.

IMPORTANTE

- O Sesc não opera com reserva de ingressos.
- Excepcionalmente, a venda e distribuição de ingressos para determinados espetáculos poderá iniciar em dias e horários diferentes do estabelecido. Nesses casos, estas informações estarão sempre antecipadas na área de programação dos espetáculos.
- Não é permitida a entrada após o início do espetáculo, não havendo devolução do valor pago ou troca para outro dia, horário ou espetáculo.
- Fotos, filmagens ou gravações serão permitidas somente com autorização prévia.
- Lembre-se de desligar aparelhos sonoros, tais como telefones celulares, tablets e outros.
- Cuide bem do seu ingresso. Em caso de perda ou dano não haverá reimpressão. Em caso de roubo, será necessário apresentar Boletim de Ocorrência em que constem as informações sobre o ingresso.
- Pessoas com deficiência, idosos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, gestantes, lactantes, pessoas com crianças de colo e pessoas com necessidades especiais terão atendimento prioritário para compra presencial de ingressos, respeitando a limitação de venda de cada espetáculo.
- É permitida a entrada de cães-guia.

FORMAS DE PAGAMENTO

VENDAS ONLINE

- **Loja Sesc:** cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*) ou boleto bancário (à vista).
- **Ingressos:** cartão crédito (à vista).
- **Seminários e Congressos:** cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*) ou boleto bancário (à vista).
- **Cursos de Longa Duração:** Centro de Pesquisa e Formação: cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 10x sem juros*) ou boleto bancário em até 10 parcelas***
- **Reservas Bertogga:** cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*) ou boleto bancário (em até 4 parcelas**).

PONTOS DE VENDA PRESENCIAL

- **Alimentação:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista) e Voucher Refeição.
- **Estacionamento:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista).
- **Ingressos:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista) e Voucher Cultura.
- **Ingresso Um Dia no Sesc Bertogga:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista).
- **Loja Sesc:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e parcelado em até 8x sem juros*). Para livros, revistas, cd's e dvd's: Voucher Cultura.
- **Reservas Bertogga:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*). Consulte informações referentes à nota promissória**.
- **Serviços Odontológicos:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 12x sem juros*). Consulte informações referentes à nota promissória***.
- **Seminários:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista) e Voucher Cultura.
- **Turismo Social (excursões):** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e parcelado em até 8x sem juros*) ou boleto (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*).
- **Turismo Social (passeios):** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*).

BANDEIRAS DE CARTÕES DÉBITO E CRÉDITO - PONTOS DE VENDAS PRESENCIAL: Mastercard, Visa, Hipercard, Elo Crédito, Elo Débito, Maestro, Visa Electron, Aura e Cabal.

BANDEIRAS VOUCHERS REFEIÇÃO E CULTURA - PONTOS DE VENDAS PRESENCIAL: Alelo, Sodexo, VR, Ticket.

BANDEIRAS VENDAS ONLINE: Mastercard, Visa, Elo Crédito e Hipercard.

DÚVIDAS
sescsp.org.br

O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE A VENDA ONLINE DOS INGRESSOS?

Para comprar ingressos no **Portal Sesc SP** é necessário cadastrar-se no "Meu Perfil".

Após o preenchimento do formulário de cadastro, será enviada uma mensagem com o link de confirmação para ativar o cadastro. Caso não a receba na caixa de entrada do seu e-mail, verifique na caixa de spam, quarentena, promoções, lixo eletrônico ou lixeira.

A compra de ingressos no **Portal Sesc SP** permanecerá disponível até duas horas antes do início do espetáculo. Depois disso, os ingressos disponíveis poderão ser adquiridos pessoalmente nas bilheterias das unidades.

Ao comprar ingressos, o CPF do responsável pela compra estará vinculado à transação, restringindo a venda para os espetáculos em que há limitação de ingressos por pessoa.

Os lugares numerados para a venda online são distribuídos de forma aleatória, considerando sempre a oferta equilibrada entre os lugares mais próximos e afastados do palco.

Não há distribuição online de ingressos gratuitos. Os espetáculos infantis com gratuidade para crianças até 12 anos, ou aqueles que parcialmente oferecem ingressos gratuitos para categorias especiais, não estarão disponíveis para venda online.

Importante: leia atentamente a política de venda de ingressos.

QUAIS SÃO AS CATEGORIAS DE INGRESSOS DO SESC?

As categorias atendidas com desconto* são: trabalhador do comércio, serviços e turismo credenciado no Sesc e dependentes | estudante | ID Jovem | servidor da escola pública | aposentado | pessoa com 60 anos ou mais | pessoa com deficiência e o seu acompanhante.

É imprescindível a apresentação do documento que comprove o direito ao desconto na entrada da atividade.

Caso o documento comprobatório não possua foto, será necessário apresentar também um documento oficial com foto.

Os ingressos comprados na categoria incorreta não terão devolução da diferença de valor.

Caso não seja comprovado o direito ao desconto, será necessário complementar o valor do ingresso.

*Comprovantes aceitos para ingressos com desconto: credencial plena do Sesc válida | carteirinha de estudante, carteirinha escolar do ano ou semestre vigente, comprovante de matrícula ou de pagamento de mensalidade | comprovante ID Jovem | carteira funcional ou holerite para servidor de escola pública | comprovante de aposentadoria | documento de identidade para pessoas com mais de 60 anos.

COMO RETIRAR O INGRESSO COMPRADO ONLINE?

O ingresso poderá ser retirado na bilheteria de qualquer unidade do Sesc SP, mediante a apresentação do RG e o número do pedido.

Somente o titular da compra ou a pessoa indicada por ele poderá retirar o ingresso.

O titular da compra poderá indicar outra pessoa para retirar o ingresso no ato da compra, ou no cadastro "Meu Perfil >> Ingressos".

Recomendamos que a retirada do ingresso aconteça até um dia antes da realização da atividade.

Caso opte por retirá-los na unidade em que acontecerá a atividade, para sua comodidade, retire-os com até 30 minutos de antecedência. Lembramos que não é permitida a entrada após o início do espetáculo.

A retirada do ingresso online pelo responsável ou pessoa indicada confirma o interesse pela compra, impossibilitando a devolução ou troca para outro horário, dia ou espetáculo.

COMO É CANCELADO O INGRESSO ONLINE?

De acordo com o artigo 49 do Código de Defesa do Consumidor, você poderá se arrepender da compra do ingresso online e solicitar a devolução do valor:

- Para ingressos online comprados com antecedência, a solicitação de devolução deverá ocorrer em até 7 (sete) dias após a data da compra, desde que o espetáculo não tenha ocorrido. Exemplo: Ingresso comprado no dia 20/01 para espetáculo do dia 31/01: a devolução será até o dia 27/01, ou seja, até 7 dias após a compra.
- Para ingressos online comprados com menos de 7 (sete) dias da data do espetáculo, a solicitação da devolução deverá ocorrer em até 48h antes do espetáculo. Exemplo: Ingresso comprado no dia 20/01 para espetáculo do dia 26/01: a devolução será até o dia 24/01, ou seja, 48 horas antes.
- Para o ingresso online comprado no dia ou 48 horas antes do espetáculo, não haverá devolução. A solicitação de devolução do ingresso online somente será possível no prazo estabelecido e se o ingresso não tiver sido retirado. O titular da compra poderá fazer a devolução no **Portal Sesc SP**, acessando "Meu Perfil >> Ingressos".

O valor do ingresso devolvido será estornado no cartão de crédito utilizado no ato da compra e poderá ocorrer na fatura seguinte ou subsequente, pois dependerá dos procedimentos de cada

* Para o parcelamento é necessário o valor mínimo de R\$ 30.

** Boleto bancários garantidos por Nota Promissória - 4 x (à vista e 3 parcelas pagas até a prestação do serviço). Recebimento de boletos bancários nas unidades do Sesc: somente dinheiro ou cartão de débito.

*** Boleto bancários garantidos por Nota Promissória em até 12 x (à vista e 11 parcelas). Recebimento de boletos bancários nas unidades do Sesc: somente dinheiro ou cartão de débito.



Central de Atendimento Sesc Guarulhos

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 12 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.

CRENCIAL PLENA

- **titular**
trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4*.
estagiários do comércio de bens, serviços e turismo - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
temporários do comércio de bens, serviços e turismo - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
desempregados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 12 meses e foto 3x4*.
aposentados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4*.
titular falecido - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.
- **dependentes**
cônjuge - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*
filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos) - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*
filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos) - documento de identidade, CPF, foto 3x4* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).
pais e padrastos - documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*
avós - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4*.



A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.

CRENCIAL ATIVIDADES

- A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.
- Documento de identidade, CPF e foto 3x4*.

***A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$20 para a emissão da segunda via.**

LEGENDA DOS PREÇOS

- Trabalhador do comércio, serviços e turismo credenciado no Sesc e dependentes (Credencial Plena).
- Aposentado, pessoa com mais de 60 anos, pessoa com deficiência e seu acompanhante, estudante e servidor da escola pública com comprovante.
- ▲ Credencial Atividades.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman.
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterti Martinez.

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz.

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Diretor: Danilo Santos de Miranda

Adriane Ribeiro, Aira Fuentes Tacca, Alessandra Medeiros, Alisson Sbrana, Amanda Ghiroto, Beatriz Falasco, Bruno Salerno, Camilla Curaçá, Dalmir Ribeiro Lima, Danilo Cava, David Sampaio, Diógenes Divizii, Edmar Júnior, Estevão Denis, Fabiana Freitas, Geraldo Cruz, Giovanna B. Tagashi, Gustavo Ramos, Hugo Carneiro, Ivy Granata Delalibera, Jacilene Magalhães, Jáderson J. Porto, Jean Karam, José Lima, Jucimara Sena, Juliana Viana Barbosa, Jurandir Oliveira, Karla Priscila, Laíse Guedes, Lidiane de Jesus, Lúcio Erico, Marcelo Carvalho, Mariana Krauss, Midia Claudio Silva, Nadya Librelon, Natalia Freitas, Poliana Queiroz, Regina Siqueira, Ricardo Carrero, Sílvia Garcia, Thais Kruse, Thiago Marchini, Wagner Martins, Wagner Linares

REVISTA E

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

Diretor Responsável: Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz

• **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo

• **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Márcia Scapatício e Maria Julia Lledo

• **Edição do Em Cartaz:** Paula Wulf, Alex Olobardi, Rebeca Fornazzari e André Olobardi

• **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo

• **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho

• **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira

• **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim

• **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro

• **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):**

Alexandre Calderero e José Gonçalves Júnior

• **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães

• **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz

• **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay e Priscila Ravanelli Andreani

• **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Miguel de Almeida MTB 14122. A **Revista E** é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social** e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:
sescsp.org.br

O Sesc São Paulo consciente da sua responsabilidade ambiental e social, utiliza papéis com certificado FSC® (Forest Stewardship Council®) para impressão desta revista. A Certificação FSC® garante que uma matéria-prima florestal provenha de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado e de outras fontes controladas para impressão dessa revista. Impresso na Log & Print Gráfica e Logística S/A. Certificada na Cadeia de Custódia - FSC®

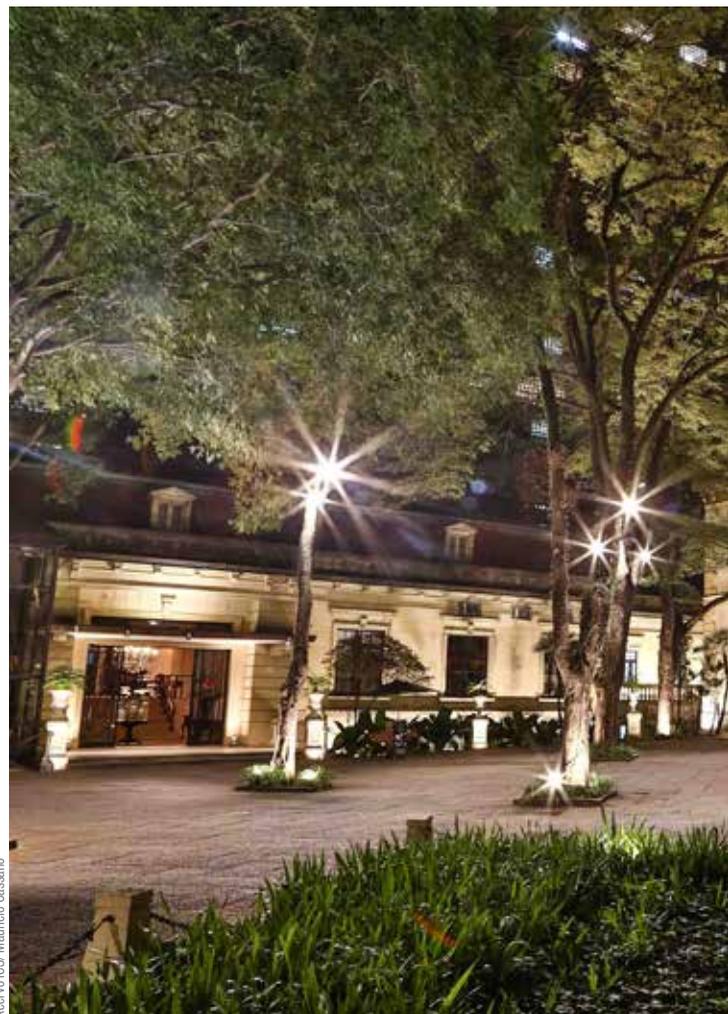
Retrato de Dona Veridiana Prado, óleo sobre tela, Carlo De Servi, 1899 | Fotografia: Hélio Nobre e José Rosseti / Acervo: Museu Paulista da USP



Dona Veridiana

Em Higienópolis, bairro na área central de São Paulo, placa de rua, banca de jornal e até hortifruti estampam o nome de uma mulher que desafiou costumes do século 19 e entrou para a história. Veridiana Valéria da Silva Prado (1825-1910), ou Dona Veridiana, como ficou conhecida, era filha de Antônio da Silva Prado, o Barão de Iguape (1778-1875), um dos homens mais ricos e influentes de São Paulo entre os séculos 18 e 19. Era Veridiana quem administrava os negócios da família, uma das mais ricas e influentes daquele período.

Além de administrar fazendas de café, ela foi a primeira mulher do país a comandar um jornal: o *Comércio de São Paulo*. O periódico pertencia ao filho Eduardo Prado. No entanto, a matriarca teve de entrar no negócio para salvá-lo da falência. Foi ela, também, que criou o Velódromo de São Paulo, inaugurado em 1875, e que se tornou o primeiro



Acervo ICS/Maurício Cassiano

estádio de futebol do Brasil, no início do século 20, na região onde hoje fica a Praça Roosevelt.

PELA LIBERDADE

Contrária ao *status quo* da sociedade paulistana de então, em 1878, Veridiana se separou do marido, que também era seu tio, e com quem teve de se casar aos 13 anos por imposição da família. Após a separação, aos 53 anos e com quatro filhos, adquiriu o terreno na Avenida Higienópolis, onde construiu seu palacete em 1884.

Inspirada pela arquitetura e pelos hábitos culturais franceses, nos salões do palacete de número 18, promovia concertos, tertúlias e debates sobre filosofia, artes e política. Entre ilustres convidados, recebeu o escritor português Eça de Queirós – fato discutido por historiadores que contestam a visita do poeta ao país.



Independentemente desse episódio, era intensa a movimentação cultural impulsionada por Veridiana. Estímulo essencial à capital paulista, que, naquele período, ganhava impulso econômico, mas não era palco de debates, novos pensamentos e expressões artísticas.

Cultuada no seu tempo e ainda hoje, Dona Veridiana foi enterrada no Cemitério da Consolação. Sua lápide, localizada ao lado de outras grandes mulheres brasileiras, como a educadora Anália Franco e a artista Tarsila do Amaral, é vista por admiradores e interessados na história da capital. Também pode ser visitado na capital o palacete que, em 2008, foi adquirido pelo Iate Clube de Santos. ■

BAIXE NOSSO APP
E VEJA MAIS IMAGENS



Acevo ICS/ Maurício Cassano



Acevo ICS/ Maurício Cassano

SERVIÇO

PALACETE DONA VERIDIANA

Iate Clube de Santos

Local: Av. Higienópolis, 18,
Higienópolis, São Paulo – SP

Visitação: As visitas são feitas em grupo e sob agendamento.

Informações: (11) 3155-4400
icsantos@icsantos.com.br



Pixabay

Muda o mundo, mudam os caminhos

O menino brinca nos fundos da casa, fazendo barquinhos de papel e observando-os flutuar na água represada no tanque de lavar roupa. Ouve a voz da mãe ordenar: “Vai lá no armazém, precisamos de açúcar”. Caminha pela rua cuidando para não tropeçar nos paralelepípedos soltos. Durante o trajeto vê ao longe um prédio de formato sinuoso que fora inaugurado recentemente, daquele arquiteto famoso. Passa pelo sapateiro e finalmente chega ao armazém. Faz o pedido ao funcionário e o espera selecionar o produto entre as sacas de arroz, rolos de tecidos e vassouras. Coloca na conta, a família é conhecida do dono. Durante a volta pensa que quer que chegue logo o domingo para poder ver os garotos mais velhos jogando no campo de terra que tem no outro bairro.

Neste mesmo campo o agora adolescente dá um pique para tentar alcançar o lançamento, longo demais. Brinca que a bola quase foi parar no parque de diversões que tinham acabado de levantar ali perto, com nome em inglês. Após o jogo, machucado após levar um pisão no pé, não tem certeza se prefere passar primeiro na farmácia ou no boteco, para se refrescar e quem sabe até conseguir beber cerveja com algum adulto mais tolerante. Vai na “pharmácia”, o letreiro ainda com o “ph”, para fazer o curativo. Depois tenta a sorte no bar, mas não consegue.

O dono anda ressabiado com a atuação da polícia e não quer confusão. Fica no guaraná.

Anos depois ele toma outra garrafa de guaraná, pelo menos metade dela. A outra metade quem está tomando é uma garota que ele conheceu na universidade. Parece que está dando certo, mas está preocupado. Ela estuda e vive falando sobre informática, tecnologia, coisas que ele ainda não manja. A praia dele é outra, é de Humanas. E o que ele quer saber mesmo é se ela está a fim de ver um *show* que vai ter naquele lugar que abriram agora, onde era uma

fábrica. Antes pensava que só dava para entrar quem trabalhava no comércio, mas parece que vendem ingresso para todo mundo.

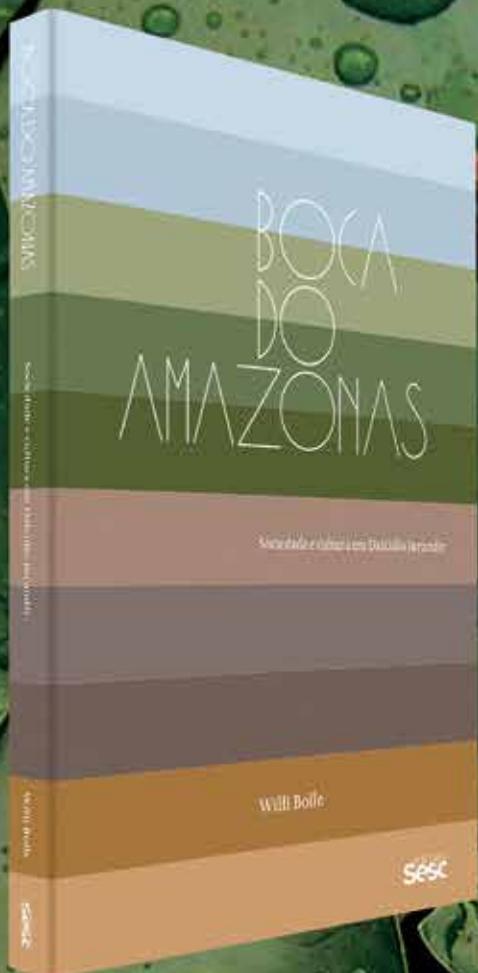
Depois deste e muitos outros *shows*, ele está novamente ansioso. Na entrada do hospital, esperando notícias, fica olhando a construção de um *shopping*, mais um entre muitos que vão surgindo. A avenida imensa, cheia de carros, ônibus... se prestar atenção dá para ouvir e sentir a passagem do metrô, logo abaixo da superfície. E tanta gente. No hospital mesmo é possível notar a enorme quantidade de pessoas trabalhando. Uma destas pessoas se aproxima com uma notícia.

Caminhando pela grama macia ele observa seu “bebê” correr por entre as árvores. Não aquele que nasceu no hospital, mas sim um bem mais peludo que foi adotado em uma feira – uma quase exigência do bebê anterior, que na verdade não é mais nenhum bebê. O celular vibra em seu bolso e agora ouve a voz da esposa: “Passa no supermercado, tem que comprar ração”. Até pensa em ir no supermercado colossal que ergueram na saída para a rodovia, mas é tão grande, tão cheio. Será que não dá para pedir para entregar?

A história vai chegando ao final, mas só por enquanto. Aquele menino, já um senhor, lê as notícias no *smartphone*, faz compras e marca consultas *online*, chama um motorista de aplicativo para levá-lo para onde precisar. Percorrendo a cidade, contempla o ciclo eterno de demolições, construções, o velho dando espaço ao novo, a mudança inevitável.

A impermanência. No entanto, sabe também que, assim como ele, assim como todos e assim como a cidade e a sociedade, o antigo, ao mesmo tempo em que envelhece, também se renova. ■

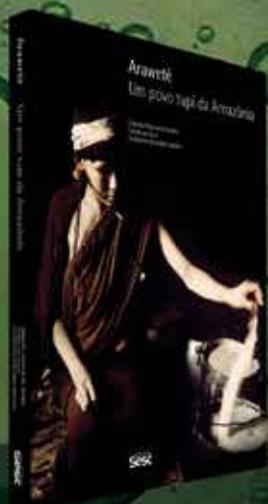
DAVID ARNAUD é historiador e trabalha como pesquisador de acervo no programa Sesc Memórias, da Gerência de Estudos e Desenvolvimento do Sesc São Paulo.



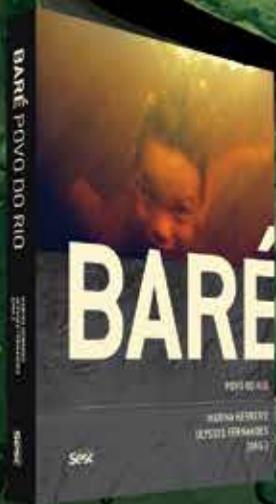
BOCA DO AMAZONAS sociedade e cultura em Dalcídio Jurandir

Willi Bolle

Obra retrata o cotidiano periférico da sociedade amazônica, a defesa pela educação, a oralidade dos habitantes – além da dimensão cultural relacionada à preservação da floresta e ao respeito pela pluralidade étnica.



ARAWETÉ
um povo tupi
da Amazônia
Eduardo Viveiros de Castro,
Camila De Caux e Guilherme
Orlandini Heurich



**BARÉ: POVO
DO RIO**
Marina Herrero e
Ulysses Fernandes



**A HISTÓRIA DOS
CAXINAUÁS POR
ELES MESMOS**
Eliane Camargo e
Diego Villar (org.)



**FALA DE BICHO,
FALA DE GENTE**
cantigas de ninar
do povo juruna
Cristina Martins Fargetti

